

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 7

Julho de 1914

Ano LXVI

Director, proprietario e editor — Empreza da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL

pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.^a* — Rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

A QUESTÃO GINASTICA

E

SUA RESOLUÇÃO NOS EXERCITOS

Considerada cientificamente, a ginastica abrange duas modalidades distintas: a educativa, tambem denominada pedagogica, escolar ou de desenvolvimento organico, e a applicativa.

Ambas, na sua execução, devem ser sujeitas ao principio constitutivo da lei geral do trabalho: — com o menor esforço, produzir o maximo valor energetico.

Com tal intuito, a ginastica educativa tem o fim especial de exercitar a maquina humana, por modo a obter com a mais perfeita estructura corporal a conservação de saude pelo funcionamento normal dos diversos orgãos.

A ginastica de applicação mira a utilizar essa maquina, habituando os individuos a vencer com o esforço minimo os obstaculos e dificuldades frequentes na vida, desenvolvendo-lhes paralelamente a energia, a audacia, a actividade, a resistencia á fadiga, a reflexão, em suma, o conjunto de sentimentos e virtudes activas e passivas cuja sumula representa o character.

A primeira deve ser de applicação geral. Em proporções maiores ou menores, poderá ser ministrada a todas as individualidades, quaisquer que sejam os sexos, as condicções, os temperamentos e as raças, porque os homens em todos os pontos do globo onde residam têm constituição anatomica equivalen-

te. A aspiração essencial a que mirará a parte educativa da ginastica será a de robustecer e exaltar a fisio-energia, cujos fenomenos são uma das bases da vida.

A ginastica de aplicação, pelo contrario, poderá apresentar fórmas infinitamente variadas, applicaveis segundo os destinos ou profissões a que cada individuo aspira, por modo a torna-lo o mais apto possivel para o exercicio da sua missão social. Completando a acção da ginastica educativa, é a applicativa a que melhor desenvolve, a seu turno, a psico-energia, cujos fenomenos constituem a outra base da vida.

Esta distincção não tem sido sempre devidamente reconhecida. Geralmente confiado outrora o ensino a instrutores com deficiente ou nula preparação scientifica, não tinham eles visto nos exercicios ginasticos mais do que uma diversão, cujos atractivos desenvolviam segundo as proprias ideias e gostos.

Não é de estranhar o facto. A campanha organizada, em França, com eco nos demais países, em favor da applicação dos principios racionais á educação fisica, póde dizer-se que brotou, em 1887, por ocasião da comunicação relativa á fadiga intellectual (*surmenage*), apresentada pelo Dr. Lagneau á Academia de Medicina de Paris. Por isso, sem guia definido e preciso, cada um daqueles caminheiros seguia, até então, na sua jornada sem preocupações, que não fossem os dictames da propria inspiração em busca do gôzo ginastico.

Posteriormente áquella data, o exame científico da questão surgida e a observação mais reflectida do ocorrido na Suecia, desde o começo do seculo XIX, começaram a exercer manifesta influencia nos processos ginasticos seguidos nas escolas publicas e sociedades de desportos francêsas. A complexidade dos exercicios, até ali adoptados, e a natural reacção, que surge sempre entre a tradição e quaisquer novas conquistas da ciencia, produziram uma confusão, porém, ainda longe de estar desvanecida.

A discordia que, no momento presente, separa os profissionais da ginastica tem como uma das causas principais os metodos e processos seguidos no ensino, os quais, não tendo bem definidas, em regra, as funções que distinguem as duas modalidades da ginastica, e a oportunidade da sua entrada em acção, encontram no facto a principal incompatibilidade.

Apezar das inumeraveis variantes, que na pratica apresentem

entre si os varios métodos, que se destinem a vulgarisar qualquer ramo de conhecimentos, não admite duvida serem em ginastica quatro os que, pelos processos radicalmente diferentes adoptados, se tornam dignos de especificação.

Dois deles, o suéco e o alemão, são coevos. Aquele foi inaugurado, em 1813, no Instituto Ginastico de Stockolmo, fundado por Pedro Henrique Ling, poeta lirico e depois professor na Universidade de Lund, com os intentos de agremiar e habituar a mocidade á fadiga, e de combater o alcoolismo e a tuberculose, que então devastavam a sua patria. O outro foi creado por Frederico Luiz Jahn, após os desastres militares da Prussia, no começo do seculo XIX, com o fim de basear a desforra nacional no avigoramento fisico dos compatriotas.

O primeiro rescende á ciencia mecano-fisiologica, que presidiu á sua elaboração, e aspira a conservar e robustecer a saude dos entes debilitados. O segundo é de natureza atletica, e pretende constituir uma raça de Hercules, capaz de esmagar quaisquer dificuldades materiais, que se antepunham á sua acção dominadora.

Emquanto Jahn, na Alemanha, tratava de formar soldados robustos e audazes, exclamando: «Lebe, wer leben kann!» (Viva quem pode viver!), o que caracteriza a referida tendencia atletica do seu metodo, na Suecia, pelo contrario, Ling incitava, tanto os fortes como os fracos, a receberem as suas lições, dizendo-lhes: «É indispensavel que cada um se prepare para ser util a si proprio, em particular, e a todos em geral.»

O terceiro método é o inglês. Nem tem o caracteristico combativo do alemão, nem o cunho estetico do sueco. E' recreativo e social, como os jogos que o constituem.

O ultimo dos métodos ginasticos, pela ordem cronologica, será o francês, quando a conciliação, em via de se operar entre os sectários de cada um dos outros metodos referidos, haja realisado e sancionado no país o processo ecletico, que parece ser o mais apropriado á psicologia nacional, e poderia ter como divisa as palavras de Molière: — *Je cherche mon bien où je le trouve.*

Importa conhecer as distincões fisiologicas em que estes varios métodos são fundados.

O método «suéco» pretende que todo o movimento não

cientificamente orientado, tanto na sua causa e efeitos anatomicos e fisiologicos como no seu principio e consequencias, deixa de ser um verdadeiro movimento ginastico. Os exercicios adoptados devem apresentar estes duplos aspectos: simplicidade e naturalidade; tendencia fisiologica e higienica, por isso que o fim a que devem mirar não deve ser o de tornar o individuo especialmente destro de movimentos ou muscularmente forte, mas o de lhe dar o equilibrio fisiologico do corpo e de o dotar com a saude, a qual reside no equilibrio das grandes funções vitais. O desenvolvimento da capacidade de oxidação, exercitando e fortificando os orgão toracicos, deverá constituir a preocupação primacial dos instrutores, e não a de desenvolver a força muscular, porque esta, brotando espontânea daqueles exercicios, não necessitará de estimulo para se manifestar.

Ensinar a respirar, constitue a principal preocupação do método sueco, procurando consegui-lo não só com o auxilio de movimentos especiais, denominados respiratorios, mas pelo emprego regular, metódico e intensivo de determinados exercicios naturais, excitantes do trabalho da respiração, os quais produzem nos orgãos toracicos a flexibilidade, desenvolvimento e maxima força de resistencia.

Consequentemente, nenhum outro método parece exigir maior trabalho e tantos esforços dos musculos dorsais e abdominais para atingir aquêle fim; nenhum se preocupa mais com a amplitude do peito. A escolha e coordenação progressiva dos movimentos tendentes a atingir os resultados descritos é, portanto, um dos caracteristicos essenciaes do método sueco.

Não exige ele aparelhos especiais para alcançar o seu fim. Nos bancos, nas mesas e nas paredes da escola, diz um dos seus mais autorizados propagandistas, encontrará o instrutor engenhoso material necessario para o ensino. Ao ar livre, sómente com a aplicação dos convenientes exercicios de flexibilidade, entermeados de marchas, corridas e jogos apropriados, conseguirá ele o desenvolvimento dos pulmões e musculos dos seus educandos.

O método devido a Ling não é absolutamente original. Brotou das doutrinas emitidas e propagadas na Grecia antiga por Platão, Aristoteles e outros insignes filosofos.

Platão foi quem considerou a educação fisica como tendo significação e valor identicos á educação do espirito. Apelidou

ele de divinos esses dois ramos da educação completa do homem, aos quais atribuía a origem de haverem sido oferecidos pelos deuses, não sómente para fortificar o corpo e aumentar a intelligencia, mas para estabelecer a harmonia entre as forças físicas e as da alma, para obter a adaptação e associação perfectas da materia e do espirito, impelindo o seu desenvolvimento conjunto até á necessaria perfeição. E recomendou, como o melhor processo de educação física, a bôa escolha dos exercicios, que deveriam não só accionar sobre todo o sistema muscular, como ainda provocar a perfeita flexão e extensão de cada musculo.

Aristoteles, discipulo de Platão, desenvolveu ainda as ideias do mestre, sustentando que a ginastica não era uma arte, e sim ciencia completa, a qual deveria estudar os exercicios apropriados a cada organismo e ás colectividades. Da escolha dos movimentos e do exercicio harmonioso das varias partes do corpo já esse filosofo julgava dependente a saude, «que era a harmonia de todas as funções vitais e só podia ser assegurada, portanto, por uma ginastica harmoniosa e moderada».

Sobre estes e outros principios igualmente interessantes, que por brevidade se omitem, foi que Ling fundou, depois de se haver dedicado ao estudo da anatomia e fisiologia, o seu método de ginastica.

Deve atender-se a que o primitivo método de Ling se condensava em aforismos vagos, verdadeiros ou falsos segundo os principios hodiernos da ciencia e a interpretação que lhes seja dada, mas sem consequencias verdadeiramente praticas. O método geralmente attribuido a Ling provém de seu filho Almar, de Branting, de Nybläens de Törngren, de Norlander e de Zilow, e os manuais suecos foram elaborados por comissões compostas de officiais, que não conseguiram demonstrar no trabalho produzido, segundo afirma G. Demeny, o devido conhecimento da evolução científica efectuada na fisiologia dos movimentos.

Longe de ser uma obra homogênea, o sistema sueco apresenta defeitos, por esse motivo, que o tornam vulneravel e ainda menos natural do que o primitivo de Ling.

Não obstante, o espirito de mercantilismo nacional não aprovaria quaisquer modificações importantes, que, por ventura, se pretendessem introduzir no método seguido. A Suécia é um país pobre, e a venda da ginastica é considerada como uma

das suas valiosas fontes de riqueza. Russos, alemães, franceses, belgas e individuos de outras nacionalidades concorrem ali com o desígnio de estudarem *in anima vili* o afamado método, deixando no país o seu dinheiro, durante a permanencia nêle. Por seu turno, são os proprios suécos que se dirigem aos diferentes países estrangeiros para oferecerem a sua aptidão profissional, adquirindo assim capitais mais ou menos valiosos com que recolhem mais tarde á patria, contribuindo para o bem estar nacional.

Assim se explica a relutancia com que têm sido recebidas na Suécia as tentativas de aperfeiçoamento, que tire áquele método a sua característica exclusivamente nacional. Demais, os suécos ha muitas gerações que estão habituados aos exercicios, que o compõem, os quais acreditam serem os mais uteis, e nisso têm um certo amôr proprio, que anima o espirito patriótico com que apreciam a contenda, quando esta se trava, e tal facto mais os torna irredutíveis. Não obstante, é certo haver-se manifestado naquêle país, não há muito tempo, uma especie de cisma, que se revelou mais ostensivamente no proprio Instituto Central de Stockolmo, no qual uma parte do seu pessoal docente reconheceu a indispensabilidade de uma reforma no método seguido, por modo a aproveitar e inserir nêle o que de bom se reconhecesse existir em outros sistemas.

Esse espirito de reforma, porém, foi combatido inflexivelmente pelo director do estabelecimento, o tenente coronel e professor L. N. Törngren, o qual, durante os longos periodos da sua gerencia, cuidadosamente obstou a que o ensino fosse contaminado por quaisquer ideias menos puras. Mas, como succede a todas as intolerancias, tambem a essa chegou o momento de receber duro ataque.

A direcção daquele estabelecimento é temporaria e de nomeação do governo, sob proposta do pessoal docente. Havendo o director Törngren terminado o seu periodo quinquenal, estabeleceu-se luta eleitoral entre puristas e reformistas, da qual resultou triunfar o candidato dêstes, que foi o coronel Balck, espirito tolerante e conciliador, como o demonstrou na seguinte declaração, feita no Congresso Olimpico de Bruxelas, efectuado em junho de 1905:

«Entendo que a ginastica, tal qual a ensinamos na Suécia, é a mais conveniente para as escolas e para o exercito e, tambem, para os membros das sociedades de ginastica.

«Mas estou igualmente convencido de que em outros países se faz bôa ginastica, não podendo ter nenhum povo a pretensão de monopolizar um sistema perfeito.

«Não há nacionalidade que tenha o exclusivo da verdade sobre ginastica. Não podemos impôr um método ginastico; só a conveniencia do seu ensino deve ser propagada.

«Não sou dos que dizem: — «Deves adorar Deus ao meu modo ou não terás o direito de o adorar.»

«O exclusivo não convém; deve-se colher o melhor aonde quer que se encontre.»

Estas palavras estão de perfeito acôrdo com as que outro antigo director do Instituto de Stockolmo, que foi Branting, dirigiu a um dos mais autorizados medicos alemães, o dr. Berend, no momento em que este se despedia para regressar ao seu país:

— «Experimentai tudo, e conservai só o que fôr bom — ».

Assim, com o triunfo de um professor que, por vezes e de longa data, se mostrára partidario do aproveitamento de alguns dos aparelhos ginasticos usados noutros métodos, deveria aguardar-se que valiosas modificações seriam introduzidas no sueco, se não fôra a corrente de opinião precedentemente referida, que o impediu. Já Georgii, o melhor discipulo de Ling, antigo sub-director do Instituto de Stockolmo, reconheceu a insuficiencia da obra do mestre, considerada no seu conjunto, que attribuíu ao estado de sofrimento em que a doença o prostou, durante os últimos anos da vida, e fez com que o tratado sobre os principios gerais da ginastica, (Upsel, 1834-1840) só houvesse sido acabado, depois da sua morte, por dois discipulos, que foram Liedbeck e o proprio Georgii.

Com desvanecimento e entusiasmo atribuem os sucessores de Ling, como havia sido o intento deste, o incontestavel robustecimento das condições físicas do povo suéco áquele método de ginastica, referindo: que a duração da vida média a qual, em 1840, era de 41,5 anos, se havia elevado, em 1890, a 50. anos; que a estatura, nesse mesmo praso, passára de 1^m 67 a 1^m,701; que o número de mancebos reconhecidos incapazes do serviço militar descêra de 35,7 para 21,7 por 100.

Esquecem ou ignoram, os que assim falam, que em tal progresso tem acentuada influencia, tambem, a lei de 18 de janeiro de 1855, tendente á repressão do alcoolismo, a qual tornou de

execução difícil o simples uso do alcool. Esta lei, que teve conjunta aplicação na Noruega, então unida á Suécia, produziu naquella paiz os mesmos salutaes efeitos. E, como contra-prova, notou-se que identicos melhoramentos na saude pública têm sido notados nos paizes em que foram adoptadas providencias contra o alcoolismo, designadamente na Russia e na Carolina do Sul.

Convém ainda ter presente, que o método suéco, tal qual apparece descripto nos livros, não é todo o método. Os suécos praticam paralelamente com a sua ginastica methodica, segundo afirma o professor G. Demeny, desportos demasiadamente energicos, aos quais ligam suma importancia e a que dedicam verdadeira paixão.

Os resultados colhidos são devidos, portanto, a um método *misto* educativo, em que é difícil precisar quais os efeitos derivados de cada um dos processos adoptados, tanto mais que os desportos ainda não foram estudados cientificamente.

Apesar de todos os exageros de apreciação acêrca do valor real do denominado método de Ling, o que, comtudo, se lhe não poderá justamente negar é de haver sido êle quem, nos tempos modernos, primeiro e melhor pôs o problema da educação fisica racional, o qual, em parte, concorreu para resolver, confissão esta que de modo algum justifica a adopção integral do dito método.

O método «alemão» teve em Guths Muths e Jahn os seus principais promotores. Do primeiro, denominando «o pae da ginastica moderna,» foi publicado, em 1793, um tratado de ginastica, em que se exaltava o valôr dos jogos movimentados ou gymnicos, dizendo que todas as creanças os deviam executar diariamente, como outro qualquer trabalho preceptivo. Frederico Luiz Jahn, captivante fisionomia historica de homem e de patriota, foi um dos grandes agitadores do pòvo alemão contra as humilhações por ele sofridas de Napoleão, filologo distinto e escritor eloquente, que tem a sua vida entremeada de paginas comoventes e de vicissitudes dramaticas. Em Berlim abriu, em 1811, a primeira sala de ginastica, na qual começou a divulgar o seu método, que expôs egualmente em um tratado muito apreciado, que se caracterisava por exaltar, como Muths, o valôr educativo dos jogos e pela execução dos exercicios ginas-

ticos em determinados aparelhos, que tão impugnados têm sido. Esse método foi transportado, em 1820, para França por Amoros, espanhol de origem, e seguidamente adoptado na grande maioria das escolas e exercitos europeus, razão pela qual também ele se denomina «amorosiano.»

O método «alemão», após diversos movimentos livres de flexibilidade, procurava obter o desenvolvimento físico, como ficou dito, pelo uso de determinados aparelhos provocadores de importante quantidade de trabalho e pelo poder contráctil de uma grande massa de músculos. De conformidade com a doutrina de Pestalozzi, os defensores deste método sustentam ainda, que — «em ginastica todos os exercicios são bons, com tanto que o individuo tenha a necessaria capacidade física para os executar».

Efectivamente, as energicas contracções musculares, resultantes dos movimentos executados em aparelhos, têm como consequencia atrair violentamente o sangue aos músculos, onde se demora, beneficiando-os com o seu contacto e aumentando-lhes o volume. Simultaneamente, o sangue enriquece com a grande quantidade de oxigenio, porque a necessidade de respirar se torna a primeira consequencia das grandes despesas das forças musculares. Demais, a intensidade das combustões, exigidas pela grande quantidade do trabalho efectuado, produz o dispendio e consequente desapareção dos tecidos de reserva, e a necessidade da sua pronta reparação, donde deriva o desenvolvimento do apetite.

Estes efeitos, na verdade rapidos e seguros nos individuos de constituição normal, bem como a atracção para os exercicios executados em determinados aparelhos e seu resultado derivante, os quais oferecem ainda a vantagem de salientar os individuos mais destros, lisongeando-lhes o amor proprio, dão á ginastica alemã, também denominada desportativa, amorosiana ou atletica, numerosos sectários, que desdenhoasmente increpam a ginastica sueca de monotona e de convir apenas aos organismos debéis, nervosos ou fatigados.

Por seu turno, os defensores desta increpam a ginastica alemã dizendo, que os exercicios, que congloba, representam um *fim* e não um *processo educativo*, constituem *movimento* mas não significam *educação*, porquanto não visam a determinados efeitos higienicos ou esteticos, localisando exclusivamente

o trabalho na parte superior do corpo, e dando exagerado desenvolvimento a certos musculos do tronco.

Ainda hoje é rememorada na Alemanha a lucta acerba e violenta ali travada, quando os partidarios da ginastica sueca pertenderam sustentar, que eram eles os evangelisadores da verdadeira doutrina. A polemica travada, em 1855, entre o Dr. Edmundo Friedrich e Neumann ficou para sempre celebre, tendo tido aquele a seu lado os mais sinceros e exaltados patriotas alemães, os quais, como os suecos, se orientavam na contenda mais pelo sentimento de nacionalidade do que pela força da argumentação.

O método «inglês», tambem denominado desportativo, exerce a sua acção predominante sobre os pulmões e coração, sem efeito correctivo, nem tendencia ao desenvolvimento gradual de todo o organismo, pelo que não falta quem lhe conteste os caracteristicos de verdadeiro método educativo.

Não obstante, pelo consideravel trabalho imposto aos musculos das pernas, os dos braços tambem se desenvolvem, e especialmente os das espaldas, como o demonstram as cronofotografias dos corredores e saltadores anglo-saxonios. Os especialistas não contestam, porém, que a forma estética dos atletas suécos é mais perfeita do que a dos ingleses, devido ao facto de ser o método desportativo preferentemente respiratório, actuando sobre o peito, com detrimento do desenvolvimento muscular abdominal e dorso-lombar, que o método suéco provoca notavelmente. Donde resulta, que o tronco das atletas ingleses é mais desenvolvido na sua parte torácica e mais arredondado que o dos suécos. As linhas gerais são menos puras do que as destes, especialmente nos profissionais, que se especialisam nos desportos, porque a especialisação quebra a harmonia geral das linhas, visto como aumenta o trabalho de determinados grupos musculares em detrimento dos que funcionam menos.

Nos ultimos tempos, numerosa seita de ginastas, tomando para guia o conhecido aforismo *In medio consistit virtus*, aceita sem dificuldade muitas das doutrinas preconizadas pelos evangelistas da ginastica suéca, sem proscrever, comtudo, os exercicios de força executados em alguns dos aparelhos especiais, que estes ultimos condenam.

Nos seus discursos ás Sociedades de Ginastica de Leão, o Presidente da União das Sociedades de Ginastica da França, Dr. Caseneuve, defendeu a existencia destes discutidos aparelhos, mas proclamando simultaneamente a indispensabilidade de severa selecção entre os cultores da ginastica, afim de impedir aos de constituição fisica delicada e especial o uso dos referidos aparelhos.

Por seu turno, defensores da ginastica sueca não duvidam igualmente admitir uma notavel evolução nas primitivas doutrinas de Ling, declarando-se a divergencia sómente entre esses reformadores nos termos e extensão a dar á nova doutrina.

Posto que essa evolução se pronuncie em varios países, sob a denominação de ginastica «eclectica», ou «racional», é certo ser conhecida preferentemente pela denominação de «ginastica francesa» por ser em França que se levantou e mantém o mais forte baluarte em que se ostenta o seu estandarte, o que não quer dizer que na Alemanha se não formule com notavel energia campanha identica, como ao deante se mencionará.

A transformação efectuada pelo Coronel Dérué nas escolas de Paris; os resultados colhidos por Hebert em Lorient, combinando as praticas de Ling, as de Amoros e as inglêsas com as ultimas doutrinas scientificas; finalmente, a propaganda insistente de Demeny nos cursos superiores de ginastica, tudo tem dado alento, em França, á reacção formulada contra a adopção rigorosa do método de Ling.

Para a debelar, não tem sido bastante a dedicada evangelisação, nem do Dr. Filipe Tissié, que tornou de Pau um fóco intenso de propaganda ginastica, que rivalisa com Lund, Malmö, Copenhague, Bruxelas e Stockolmo, nem a do coronel Coste, que provocou temporariamente as atenções gerais com os resultados obtidos na Escola de Joinville-le-Pont. Outrosim Emilio André e Kümlien, bem como o major Lefebure, não conseguiram igualmente melhores resultados.

Não deve encobrir-se que, da mesma fórma que na Suécia, ha em França um interesse material, que obriga os partidarios dos antigos processos ginasticos a fazer o minimo de concessões á ginastica suéca, interesse que nem sequer é disfarçado pelos contendores.

Comunicando o pensar dos seus consocios da Associação

Ginastica de Leão e do Rodano, revelava esse interesse, não ha muitos anos, o Dr. Kœnig, quando escrevia :

«Não aceitamos a excomunhão maior pronunciada contra a ginastica francêsa, e protestamos energicamente contra os brados de indignação com que pretendem flegela-la.

«Ou conservamos os nossos aparelhos, usando deles com a devida descripção, *ou as nossas sociedades ficam condenadas a desaparecer.*

«E nunca elas, comtudo, tiveram maior razão de existencia do que no momento actual, em que foram reduzidos os tempos do serviço efectivo militar e da instrução das reservas».

Na verdade, suprimidos os aparelhos, a ginastica perderia o seu mais poderoso atractivo, produzindo a incontestavel monotonia dos movimentos denominados livres o abandono dos ginasios, e com ele o desaparecimento de florescentes sociedades, que alastram pelos centros populosos da França. Donde resulta, em parte, a campanha vigorosamente travada pelas diversas sociedades ginasticas daquele país contra o metodo suéco.

E' por isto, que os mais ardentes sectarios do metodo de Ling, como o coronel Coste, fazem naquele pais notaveis concessões aos adversarios. Atacando os defensôres do sistema eclectico, diz-lhes este antigo director da Escola de Joinville-le-Pont :

«Não quero ginastica educativa sem a applicativa, como não admito esta sem aquela. Mas, a que nos dais, sob a vaga denominação de «eclectica», é apenas uma ginastica bastarda, porque os vossos exercicios, denominados de flexibilização, que poderiam constituir efectivamente a parte educativa, desconhecem a lei do maior esforço util, e são, portanto, sómente *movimento* e não educação ; representam a imagem falsa e sem vida, a inconsciente caricatura dum metodo realmente racional e scientifico. Suprimi-os, que nada perderá com isso a vossa ginastica ; com eles ou sem eles constituirá apenas uma especie de *ginastica de applicação*, sem método preciso nem verdadeira eficacia, com todos os inconvenientes inerentes a essa formula incompleta de educação fisica.

«Mais uma vez insisto em afirmar ser este o ponto essencial da questão. Pertendeis ser eclecticos? Seja, *tambem eu o sou tanto como vós*, se esse eclectismo consiste em justapôr, em associar, sem as confundir, deixando a cada uma o seu mé-

todo, a sua virtude propria, duas ginasticas cujos efeitos não poderiam completar-se ou coexistir senão com essa absoluta condição. Mas, se o vosso eclectismo representa apenas a miscilania, de que haveis previamente desnaturado o elemento principal, aquele que devia revelar os demais, nada queremos dele. Qualquer que seja o sedutor projecto, o rotulo científico e luzente que coloqueis no frasco, jámais conseguireis fazer de tal mistura a bebida nacional capaz de regenerar a nossa raça e de lhe infundir novo sangue!»

Contestando esta argumentação, escrevia, por seu turno, entre outros ilustres defensores da ginastica tão duramente apreciada, o Dr. Kœnig no *Bulletin de l'Association de Gymnastique de Lyon et du Rhône* :

«Sabemos muito bem que se não deve confundir a ginastica educativa, pedagogica ou escolar — ginastica de desenvolvimento, que racionalmente condena os aparelhos de suspensão para infantes e adolescentes —, com a *ginastica de treinagem*, que o mancebo são e bem constituido deve praticar um ou dois anos antes do seu alistamento no exercito.

«A primeira, que é doce, pouco fatigante, por assim dizer, de character passivo, convém aos mancebos debeis, nervosos, fatigados e até aos homens maduros.

«E' esta a doutrina que frequentemente tem preconizado o Dr. Cazeneuve nos seus discursos á Sociedade de Ginastica de Leão, quando defendia a conservação dos nossos aparelhos, mas proclamando logo a indispensabilidade de uma severa selecção entre os ginastas, afim de proibir os aparelhos aos infantes e mancebos delicados. A ciencia do professor tem nessa distincção essencial a pedra de toque. O nosso presidente, o Dr. Chambard Hénon sustentou identica doutrina nas suas conferencias.

«Não aceitamos, portanto, a excomunhão maior pronunciada contra a ginastica francêsa, e protestaremos energicamente contra os anátemas com que por vezes a ameaçam.

«Ou havemos de conservar os nossos aparelhos, fazendo uso deles com discernimento, ou então as nossas Sociedades deixarão de existir».

E, condenando seguidamente toda a doutrina ginastica sustentada contra o método francês, o Dr. Kœnig terminou com as seguintes formais declarações :

«Abramos de par em par á ciencia as portas dos nossos ginasios, a fim dela aí verificar: a supressão de todos os aparelhos de suspensão para infantes e adolescentes; a selecção absoluta entre individualidades fracas e fortes; método educativo baseado sobre a anatomia e fisiologia para todos os ginas-tas, com treinamento intensiva, durante um ano ou dois, — mas sem eliminação dos nossos aparelhos —, para todos que estiverem em vesperras de se alistarem no exercito, a fim de ali se apresentarem condignamente, e poderem ser contados como verdadeiras unidades».

Por seu turno, á alegação apresentada pelos sectarios do método eclectico, de que este é mais interessante, mais variado e mais pratico do que o método de Ling, respondem do campo suéco, com a transcrição e o aplauso do coronel Coste e dos que com este comungam, o seguinte:

«Por ventura Ling e seus discipulos pretenderam, jamais, que os movimentos componentes de cada lição propriamente dita constituam por si só toda a educação? Pelo contrario, eles afirmaram que, se esses movimentos constituem efectivamente a mais perfeita preparação do corpo para a execução desembaraçada e sem risco de quaisquer *aplicações*, se tornava indispensavel acompanha-los e completa-los com todas as *aplicações* uteis ao individuo, a fim de que este possa viver na actual sociedade, trabalhando, defendendo-se e até distraindo-se. Por este modo a esgrima, o box, a pratica dos diversos desportos, e até *a dos antigos aparelhos, para os que os poderem utilizar*, têm o seu lugar indicado nos nossos ginasios».

Temos exposto suficientemente o estado da questão, nos parece, para poder concluir que a conciliação, se não é ainda um facto, já se desenha nitidamente entre os defensores dos métodos até aqui divergentes. As causas unicas, porque a paz se não declara, talvez possam ser resumidas, em primeiro lugar, pela dificuldade na transigencia, que é peculiar á natureza humana, quando as discussões têm sido levadas a grande gráu de intensidade e maxima publicidade; depois, pela confusão ocasional ou propositada com que hão sido considerados os dois ramos ou modalidades distintas, que compoem a ginastica, isto é, a parte de aperfeiçoamento organico e a applicativa, não tendo sido feitas entre elas a nitida separação, que a razão e a ciencia exigem.

A ginastica educativa não deve ser ministrada senão em absoluta conformidade com as exigencias anatomicas e fisiologicas do organismo, tal qual Ling o pretendia, a fim de exercitar e flexibilizar a maquina humana, de modo a provocar a beleza estructural e a assegurar a conservação da saúde e funcionamento normal dos diversos órgãos.

Este ramo da ginastica, porém, é de sua natureza monotono, não póde ser oferecido como um prazer, antes tem que ser imposto como um dever. Só instrutores excepcionais, como existem na Suecia e já alguns, poucos, em outros países, conseguem amenisar aquela instrução sem ofender os principios científicos em que o método se baseia.

Em contraposição, os instrutores de ocasião esquecem o *fin* a que alveja a ginastica educativa, transformando-a em *movimento*, captando por esse modo a bôa vontade dos discipulos. Donde resulta ser o ensino inteiramente abastardado e falseado, porquanto os exercicios livres apenas representam «gestos, bailados ginasticos, mimica inutil e complicada, sem o menor senso fisiologico», conforme os classificou um dos mais entusiastas e competentes defensôres do método sueco.

Todas as ciencias e artes têm a sua aprendizagem, de natureza enfadonha. A ginastica entra na regra geral. A parte applicativa, que é a agradável, só deve ser ministrada tardiamente, quando a maquina humana, devidamente flexibilisada, poder vencer com o minimo esforço os maiores obstaculos materiais.

Este ramo da ginastica não deve, porém, ser franqueado indistintamente a todos os individuos. Os jogos menos violentos não entram na restrição, tanto que foi o método suéco quem primeiro os englobou entre os exercicios fisicos escolares, seleccionando os mais variados, interessantes e atraentes, pelo que, diz Tissié os métodos sueco e inglês se completam. Mas, tanto os jogos que exigem assinalado vígôr fisico, como os exercicios em aparelhos, esses só devem ser permitidos a individuos de sã compleição. Anatematisa-los, suprimi-los inteiramente, como pretendem os fanaticos sectarios de Ling, que ultrapassam a doutrina do proprio mestre, seria vibrar, na verdade, golpe mortal, senão na existencia, no desenvolvimento da ginastica desportiva, que tão assinalados serviços presta. Com um simples traço de pena não se poderia, nem deveria,

destruir aquela parte do ensino ginastico que, só em França, dispõe de mais de 100.000 cultores, que tantos ali são os membros das sociedades ginasticas, e dá ocasião aos brilhantes triunfos alcançados nas festas anuais e aos incitamentos officiais dos mais illustres estadistas, dos mais esclarecidos e brilhantes militares e do proprio Chefe do Estado.

Não deve ser esquecida, jámais, a sensata e imparcial doutrina, evangelizada no Congresso de Bruxelas, pelo director do Instituto de Ginastica de Stockolmo, quando dizia :

«Nem só na Suecia se faz bôa ginastica ; povo algum póde ter a pretensão de monopolizar um sistema perfeito. Não convém ser exclusivo ; deve-se colher o melhor, onde quer que se encontre».

A demonstração pratica do valor de tal asserto deu-a o Dr. Bocquillon, professor de ginastica no liceu Buffon e outras escolas de Paris, depois de haver praticado durante dois anos consecutivos, em creanças das mesmas idades e de identica condição social, os quatro principais métodos de ginastica, que precedentemente ficaram referidos e descriptos. O resultado desse curioso e instrutivo certame levou-o ás seguintes conclusões, que afirma serem decisivas, por serem comprovadas pelas correlativas mensurações, cuidadosamente verificadas nos alunos, que compunham os mesmos equipos :

I. A ginastica alemã exerce sobre o desenvolvimento da força muscular acção mais favoravel do que qualquer dos outros métodos ;

II. O desenvolvimento corporal é muito mais favoravelmente influenciado pelos métodos francês e alemão, do que pelos métodos inglês e suéco. Esta acção favoravel manifesta-se nos diferentes perimetros dos membros superiores e inferiores, no perimetro toracico, e no pêso individual ;

III. A ginastica alemã e a francêsa parecem oferecer acção identica sobre o desenvolvimento corporal. No emtanto, quando praticada exclusivamente, a ginastica alemã afigura-se exercer acção mais ligeiramente favoravel do que a francêsa sobre o desenvolvimento dos membros superiores ;

IV. A acção favoravel da ginastica alemã sobre o perimetro toracico corresponde á da acção desenvolvida na capacidade respiratoria pela inspiração forçada. Os individuos, que praticaram exclusivamente a ginastica alemã, apresentaram capacidade

respiratoria superior á dos que usaram sómente a ginastica suéca;

V. Os exercicios da ginastica alemã permitem desenvolver nos musculos uma soma de trabalho fisiologico mais consideravel do que a produzida pelo método suéco;

VI. Em equivalencia de trabalho exterior, os exercicios de ginastica alemã exigem muito maior despêsa organica do que os exercicios suécos;

VII. A ineficacia do método suéco no desenvolvimento corporal e no da força muscular é devido, muito provavelmente, á incapacidade que êle possui para desenvolver no sistema muscular a quantidade de trabalho fisiologico suficiente para provocar o seu desenvolvimento.

Representam estas conclusões sentença firme e irrevogavel?

Por certo que não, por isso que outras se teem tirado de certames mais ou menos semelhantes, entre os quais devemos referir os realizados na Belgica, por um grupo de alunos ensinados pelo metodo suéco, e outro pelo regulamento então vigente no exercito, sob a direcção do major Lefebure. Mas, as conclusões do Dr. Bocquilion importam, na verdade, uma indução tanto mais digna de apreço quanto que Coste, o antigo director da Escola de Joinville-le-Pont, que não deve ser suspeito para os evangelisadores dos métodos suéco e inglêz, não pensou sequer em contestar semelhantes conclusões, quando êle proprio as reproduziu em um dos seus livros, limitando-se a recordar ao Dr. Bocquilion que o método, que este denomina *gymnastique de plancher*, não é de Ling, confusão em que diz terem igualmente caído os que não conhecem devidamente a obra do celebre reformador. Feita esta reserva em favôr do método suéco, o tenente coronel Coste nada mais teve a obter contra as mencionadas conclusões.

A exposição, que fica feita, e se não destina aos especialistas, por demais sabedores do assunto ventilado, mas aos leitores que não conhecem a *questão ginastica*, tal qual ela tem sido ventilada no campo doutrinario, corrobora, melhor do que quaisquer simples argumentos, a indispensabilidade de determinar precisamente o norte a seguir nas instituições militares, isto é, a base essencial em que deve assentar a organização do ensino da ginastica no exercito, a fim de evitar cautelosamente a

confusão e promiscuidade de processos, que só conduzem a resultados nefastos. Os métodos de educação física devem ser sempre baseados sobre principios claros, precisos e racionais.

Em continuação a este artigo, será ventilada a solução do problema, que fica enunciado.

General MORAES SARMENTO.



“POR BEM,,

«Eu estudo e trabalho em busca da verdade, e não para sustentar caprichos pessoais».

Coronel Antonio José da Cunha Salgado.

Cumprindo a missão, que a si proprio se impoz, pública, o sr. major Carmona, no numero de maio desta Revista, a continuação das suas considerações ao que nestas paginas escrevemos como critica ao *Regulamento provisorio para a instrução tactica da cavalaria*.

A resposta a este novo artigo parece-nos ser, em absoluto, facil de dar, porquanto o seu auctor, devido ao modo apaixonado porque encara a questão e á deficiencia das nossas palavras, não ponderou friamente as nossas considerações, que certamente, foram pouco claras, pois que, com espanto, vimos serem-nos atribuidas ideias, que não professamos nem expuzemos, como é facil constatar pela analise do que então escrevemos.

Ao abordar a questão da *linha de parada e evolucionaria e coluna de marcha ou evolucionaria*, de que tratam respectivamente os n.ºs 45 e 46 do *Regulamento provisorio*, dissémos nós então:

«Para o pelotão em ordem unida apenas duas especies de «formaturas se podem adótar: a *linha* e a *coluna*, mas, presistindo «num erro que se vinha cometendo, o regulamento no n.º 45 «desdobrou as linhas em de *parada e evolucionaria* e as colunas «em *evolucionaria e de marcha*, fazendo incidir exclusivamente «a sua diferença em não tomarem parte nas formações *evolucionarias*, determinadas entidades, embora pertençam ao quadro organico da respectiva unidade e tenham um lugar definido nas «formações de *parada* ou de *marcha*. Compreende-se que para «*parada* ou *revistas* essas entidades ou individuos devam occupar lugares especiais mas o que não podemos admitir é a

«saída desses elementos, quando das formações de *parada* ou «de *marcha* se passe ás *evolucionarias*.»

Tal é a questão que puzemos e com a qual diríamos, se nos fosse permitido tirar conclusões do artigo a que respondemos, concordar o senhor major Carmona, pois diz S. Ex.^a—«As *paradas* e *revistas* constituem casos muito particulares, independentes das operações de campanha e para as quais podem até existir formações adequadas». O que corresponde á verdade, pois que nos regulamentos estrangeiros, que conhecemos, as disposições relativas a paradas e revistas fazem parte dum capitulo especial sendo para lamentar que o nosso Regulamento provisório tenha adotado um criterio diferente que é, como se vê, contrario ao do sr. major Carmona, que, no entanto, defende as prescrições contidas nos n.^{os} 45 e 46, achando *muito claro* que estes números se referem «ao caso particular de reunião de tropas, que nada tem com operações de campanha» quando do texto destes dois números nada de parecido se póde depreender, como se verá, a não ser que se pretenda dar ás palavras manobra e evoluções duas acepções diferentes, conforme se refiram ao caso das revistas ou ás hipoteses da guerra.

Que os n.^{os} 45 e 46 do regulamento sejam confusos e que a sua redacção não condiz com as explicações do sr. major Carmona não nos parece difficil demonstrar. Senão vejamos: Dizem os citados números:

N.^o 45 — «A linha desenvolvida póde ser evolucionaria ou «de parada. Da primeira não fazem parte os officiaes extranhos «á arma, os ferradores, os artifices, os ciclistas, os enfermeiros, «os vagmestres, as bandas de clarins quando se constituiam, os «porta bolsas de pensos e o porta-estandarte com a escolta, os «quais saem da formatura ou voltam a ela, respectivamente ás «vozes: *linha evolucionaria*, *linha de parada*.

«Nas manobras, os officiaes provisores, os ferradores, os ciclistas e os porta bolsas de pensos acompanham as unidades «a que pertencem, os restantes seguem nos trens ou são empregados nos serviços das suas especialidades.

«Nas evoluções todos reúnem em local onde não embaracem.

«No pelotão e esquadrão á voz: linha de parada, os clarins «colocam-se como no movimento de abrir fileiras».

N.^o 46 — «As colúnas denominam-se evolucionarias ou de

«marcha; em umas e outras o corpo da colúna não sofre modificações, deferindo porem na colocação do restante pessoal, como adiante vai expresso, e ainda em que os individuos a «que se refere o número anterior não fazem parte da evolucionaria.»

Em primeiro lugar perguntamos: como é que da leitura destes números se póde depreender que a sua materia se applica exclusivamente aos casos de *parada ou revista*, como o sr. major Carmona pretende quando diz — «*A questão apresenta-se, pois, segundo crêmos, extremamente clara: o n.º 45 occupa-se apenas de um caso particular de reunião de tropas, que nada tem com operações de campanha*», quando no mesmo número se diz — «*Nas manobras, os officiais provisores... etc.*» paragrafo que no entender do mesmo senhor evita interpretações erradas pois como S. Ex.^a diz — «o proprio n.º 45, em vez de copiar integralmente as palavras do regulamento anterior, desenvolve-as e explica que, nas *manobras (isto é, quando se evoluciona em frente do inimigo)*, determinado pessoal — medicos, veterinarios, vagmestres, etc.—acompanham os trens». Ora como se vê, estas duas fórmulas de considerar o n.º 45 contradizem-se evidentemente e não póde pois ser aceite a explicação apresentada.

Parece-nos por isso rasoavel perguntar o que é que o regulamento pretende exprimir com as palavras *manobras* e *evoluções*; refere-se a primeira aos exercicios efectuados em tempo de paz para adestramento das tropas, ou á applicação das evoluções a um caso de guerra? Dá á palavra *evoluções* outra acepção que não seja os movimentos, que as tropas exécutam para passar duma a outra formação?

Tais são dois assuntos que necessitam esclarecidos, pois que se á palavra *manobras* se dá a segunda das acepções, que indicamos, não percebemos qual a razão porque o *porta-bolsa de pensos* acompanha a respectiva unidade e segue com o trem o medico, que ha de utilizar o material que aquella praça conduz, nem tão pouco porque se faz marchar com o trem o veterinario, quando após o combate ele certamente será necessario junto das unidades para prestar o serviço em que é tecnico, isto a querer dár-se a interpretação que parece dever deduzir-se do artigo do senhor major Carmona, e não a do Regulamento, que é: estes individuos serem empregados nos serviços da sua especialidade, o que demanda a sua presença junto das tropas.

Que á palavra *evolucões* o regulamento dá a acepção de movimentos a efectuar para passar duma a outra formação, parece poder-se concluir do número 46, que classifica as colúnas em evolucionarias e de marcha, repetindo-se e agravando-se, neste número, o êrro que acabamos de apontar pois que por êle tambem os officiais provisores, os ferradores e os porta-bolsas de pensos não fazem parte da colúna evolucionaria.

Por este número, pois, a cavalaria, desde que abandona a colúna de marcha, o que lhe succede logo que abandona a estrada ou caminho, para manobrar contra o inimigo, faz retirar da colúna todos estes elementos os quais, cumprindo o que se acha determinado no número anterior — *«reunem em local onde não embaracem»* e como não será facil prevêr onde as contingencias do combate possam conduzir as tropas, será certo, na ocasião em que este termine, as tropas não serão assistidas por quem compete trata-las (serviço medico e veterinario) e provêr á sua alimentação (officiaes provisores).

O autor do artigo, que estamos analisando, procurando explicar e defender a materia contida no n.º 45 do regulamento, esqueceu-se pois que o n.º 46 invalidava, em absoluto, toda a sua argumentação.

Debatendo o assunto *emprego do trote levantado*, diz o sr. major Carmona que nós não o queremos nunca, parecendo-nos que tal se não póde concluir do que temos até hoje escrito ou dito.

No artigo que foi publicado, e a que o nosso contraditor se refere, diziamos sobre o assunto textualmente o seguinte: «Prescreve o n.º 74 do Regulamento o emprego do trote levantado pelas forças que *evolucionem*; não concordando com tal modo de proceder recordarei apenas as seguintes palavras de von Bernhardi sobre o assunto: — «a tranquillidade, a regularidade e a ordem compacta das manobras sofrem e não julgo que as vantagens do trote levantado sejam tais que possam contrabalançar estes inconvenientes que atingem a potencia do combate.»

Como se vê referiamo-nos só ao emprego de trote levantado pelas forças que evolucionem. Aliás a questão do trote levantado acha-se tratada magistralmente por von Bernhardi nas suas **Reflexões sobre a remodelação do regulamento de cavalaria**, onde

o autôr tambem considera os argumentos da especie dos apresentados pelo sr. major Carmona, e aos quais o citado general responde pela seguinte fórma — «objectar-se-me-á que este modo de trotar está em uso noutros exercitos para as evoluções em «ordem unida, e que parece ser utilizado com successo; responderei que, em nenhum exercito do mundo, em egualdade de «rapidez de manobra, se consegue marchar com tanta coesão «como entre nós e julgo que para o combate contra a cavalaria é indispensavel exigir uma coesão absoluta.»

Ainda este autôr não é tão radical, como se póde julgar pelas palavras do sr. major Carmona, pois ao terminar as suas considerações sobre o assunto diz: — «E' necessario estabelecer «nos regulamentos, que as colúnas de marcha adotarão sempre «o trote levantado, e que nas outras formações este só será adoptado por ordem expressa.»

Ainda sobre este ponto, podemos quasi afirmar que a pratica confirma o que acabamos de dizer, pois que, quando a uma força em manobra se exige grande precisão e correcção aliada á coesão, quasi que insensivelmente os cavaleiros abandonam o trote levantado, para trotarem sentados, pois que não só essa forma de trotar se torna, neste caso, para eles mais comoda, como tambem lhes permite sujeitar mais facilmente os cavalos. Repare pois S. Ex.^a no que deixamos dito, e verá que a pratica justifica de sobejo as considerações do illustre general Von Bernhardi o qual, aliás, pela sua elevada estatura intellectual e profundos conhecimentos militares, reconhecidos, crêmos firmemente, por todos os cavaleiros que conhecem as suas obras, desnecessaria tornava a referencia.

Na insistencia com que se defendem as prescrições regulamentares, que atacamos, mostra-se bem a coerencia de opinião dos autores do regulamento que, seguidamente ao numero que se refere ao trote levantado, inscrevem a que tem por fim determinar, que o *modo habitual* das forças de cavalaria manobrar, seja com as *espadas embainhadas e dirigindo os cavaleiros as suas montadas com ambas as mãos!*¹ O trote levantado usado pelas forças que evolucionam, conjuntamente com esta sabia disposição, devem dar aos nossos cavaleiros de algumas semanas,

¹ Regulamento provisorio—n.º 75.

uma coesão e precisão de manobra em frente do inimigo, certamente consideravel!

Vindo em defêsa da carga numa fileira, pretende o nosso contraditor alegar, que nos regulamentos francês e alemão se preconisa o emprego de tal formação, sendo o facto verdadeiro, é no entanto indispensavel acrescentar, que em nenhum destes regulamentos se indica tal formação para atacar a cavalaria adversa, quando esta se apresenta em *ordem compacta*, e aqui seja-nos permitido declarar, que não atingimos a superior distinção que se pretende fazer entre os termos *cavalerie compacte* e *cavalerie en ordre serrê*, teimando nós em traduzir cavalaria compacte, por cavalaria em *ordem unida*, assim como em darmos a mesma significação ao termo *ordre serrée*, podendo justificar esta interpretação com o n.º 514 do Regulamento provisório francês, onde se lê: «*La charge de l'escadron en ordre compacte s'exécute en bataille, d'après les principes prescrits à l'école du peloton. Elle peut s'exécuter en colonne quand le temps ou l'espace font défaut pour se former en bataille*».

Lendo-se atentamente os citados regulamentos, poder-se ha concluir o que afirmamos, pois em varios numeros se deixa consignado o principio, que advogamos, e que no regulamento francês mais concretamente se condensa nos numeros seguintes:

N.º 479 — «*La formation en bataille sur deux rangs est la formation d'attaque contre la cavalerie*»;

N.º 481 — «*L'escadron peut être formé sur un rang principalment pour attaquer de l'infanterie, ou pour masquer à grande distance le mouvement d'une troupe placée en arrière*»;

N.º 411 — «*La formation en bataille sur un rang peut être prise pour aborder un adversaire en désordre ou pour diminuer la vulnérabilité de la troupe.*

«*Elle ne doit jamais être employée pour charger une cavalerie compacte*».

Por seu lado o *Regulamento alemão* de 3 de abril de 1909, diz: — n.º 106 — «*Contra a cavalaria o esquadrão executa geralmente uma carga em linha sem fracionamento. A irrupção nas linhas inimigas deve-se efectuar em duas fileiras nitidas e compactas e o choque deve possuir toda a sua potencia.*

N.º 113 — «*Contra a infantaria, a artilharia, e as metralhadoras o esquadrão procura assegurar o successo pela surpresa e pelo ataque de flanco.*

«Com o fim de diminuir as perdas, haverá vantagem em adótar, quer para determinadas fracções lançadas para a frente, quer mesmo para o conjunto do esquadrão, uma formação em uma fileira com grandes intervalos».

Porém, defendendo tenazmente a carga numa fileira, diz o illustre defensor do regulamento:— «A cavalaria inimiga, não póde ser excluída dos objectivos de ataque, como S. Ex.^a deseja, pela simples razão de que nem sempre se apresentará formada em duas fileiras. ou quando se apresenta com esta formação, póde succeder que traga consigo factores de ruina, como é a falta de ordem, de *coesão*, etc.

«Nestas circumstancias, e sobretudo se o efectivo do adversario fôr superior ao nosso — hipótese que não devemos esquecer — o emprego da linha numa fileira, póde apresentar grande utilidade e não seria razoavel que o regulamento desprezasse este meio, que póde permitir aos nossos officiaes a util e vantajosa applicação das unidades».

Estes periodos não se nos afiguram excessivamente claros e merecem a nosso vêr, ser devidamente ponderados, pois cremos que, exactamente quando a cavalaria inimiga se apresentar formada numa fileira, desordenada, ou falta de *coesão*, mais vantajoso se torna, por motivos que são *obvios*, o empregar contra ela formações em duas fileiras e com uma coesão absoluta.

Quando o efectivo do adversario seja superior ao nosso, não será certamente, creio que todos o comprehendem, o tomarmos a formação em uma fileira que nos ha de dar a vitoria, pois estamos convencidos que, nestes casos, ela só poderia ser alcançada pela manobra, pela audacia e pela energia no ataque. que são consequencias duma grande superioridade moral e não da extensão duma linha; mantemos, portanto, a nossa opinião, de que a formação numa fileira só deve ser utilizada para diminuir a vulnerabilidade, iludir o adversario, e, em casos especiais, atacar a infantaria.

Seguindo passo a passo o nosso contraditor, examinemos agora o importante assunto da *refrega* que se pretende ser uma consequencia do choque e de duração passageira.

Como os nossos estimaveis leitores sabem, a questão da *refrega* tem sido em varios tempos diversamente considerada e

ainda ha pouco, dois generais illustres da cavalaria francesa ¹, afirmaram por forma categorica, que a *refrega* seria uma das fases mais frequentes e mais importantes dos combates de cavalaria, o que está em opposição á opinião de muitos escritores, entre os quais se fazem notar pelas suas categorias, intelectual e profissional, Ardant du Picq, e Cherfils.

Diz o primeiro destes escritores ², referindo-se ao assunto :

« - Estudemos primeiramente o moral do combate da cavalaria, no combate individual.

«Dois cavaleiros lançam-se ao encontro um do outro.

«Pretendem chocar-se frente a frente?

«Os cavalos inutilisar-se-iam; e para quê? Ficando apiados os dois, correm os riscos de serem esmagados no choque ou na queda das suas montadas.

«Cada um no combate conta com a sua força, com a sua destreza, com a agilidade da montada, com o seu valor pessoal; não querendo por isso o choque cego, e com razão.

«Param frente a frente, lado a lado, para combater homem contra homem, cruzam-se trocando na passagem golpes de sabre ou de lança, ou ainda procuram roçar com o peitoral do cavallo o joelho do adversario a fim de o desmontar. Mas cada um sempre, ao procurar atingir o inimigo, pensa em guardar-se a si proprio, não quer um choque cego, que suprime o combate.

«A disciplina, mantendo os cavaleiros na fileira, não pôde mudar o instinto do cavaleiro.

«Assim como o homem isolado, o cavaleiro na fileira não quer chocar-se com o inimigo como muro contra muro. Daí o terrivel efeito moral da fileira compacta, que avança.

«Como não ha meio de escapar pela direita ou pela esquerda, nos dois partidos, tanto homens como cavalos, evitarão o choque parando frente a frente. Mas, dir-se ha, se fôrem tropas aguerridas por excelencia, igualmente temperadas moralmente, igualmente bem conduzidas e educadas, igualmente animadas, que cheguem a vêr-se frente a frente, e de tão perto?

«Todas estas condições, não se encontram por assim dizer,

¹ *General Durand* — «Une doctrine sur le combat de cavalerie».

General Aubier — «Le combat de cavalerie».

² Ardant du Picq — «Études sur le combat».

«reunidas em ambas as partes; quarenta e nove vêses contra
 «uma, uma das duas cavalarias hesitará, desunir-se-ha, desorde-
 «nar-se-ha, voltará costas diante da resolução da outra, antes
 «dos $\frac{3}{4}$ do tempo necessario para vencer a distancia em que
 «se encaram, mais perto ainda muitas vêses, mas sempre, sem-
 «pre, a paragem, o recúo a meia volta dos cavalos, a desordem,
 «que denunciam o mêdo ou a hesitação, surgem a tempo de *di-*
 «*minuir, atenuar, suprimir* o choque ou transforma-lo na fuga
 «instantanea, sem que o atacante resolutto tenha demorado o
 «andamento. Não póde este transpôr ou tornear, sem se desor-
 «denar, tambem, os obstaculos dos cavalos, não ainda em fuga,
 «numa confusão de uma meia volta impossivel no proprio lu-
 «gar e executada pela tropa repelida. Mas, esta desordem é a
 «da vitória, a do *avante*, e uma bôa cavalaria não se perturba,
 «pois que executa a reunião avançando sempre, enquanto o
 «derrotado tem o mêdo nos calcanhares».

Por seu lado, diz Cherfils ¹: «— Não estou convencido que
 «na refrega o sucesso seja exclusivamente devido a superiori-
 «dade individual do cavaleiro. Creio que ele depende principal-
 «mente de causas exteriores, tais como a intervenção de tropas
 «frescas, que fazem abandonar a luta ao outro partido. Até ao
 «momento em que uma tal rutura d'equilibrio se produza com
 «vantagem para um dos adversarios, a refrega é confusa e bas-
 «tante indecisa.

«Mas, supondo que o valôr individual do cavaleiro seja tão
 «eficaz quanto se pretende, a teoria que edifique a preparação
 «do combate sobre *a premeditação da refrega é depressiva,*
 «*desmoralisante e anti-cavaleira.*

«*É imoral no sentido intelectual da palavra.*

«Para que haja refrega, não é necessario que haja choque.
 «E' evidente. Nas grandes manobras não se manda nunca: *Car-*
 «*regar.* O ataque desenha-se ao galope; e, no momento do en-
 «contro este galope é já menos veloz. Contudo, quando por
 «desgraça as circunstancias do terreno mascaram a uma fração
 «a vista do partido oposito, que marcha a ataca-lo, tem-se algu-
 «mas vezes a deplorar colisões involuntarias sempre muito gra-
 «ves. Um dos dois cavaleiros é levantado mortalmente atingido
 «e o outro desmaiado ou contusionado.

¹ *Essai sur l'emploi de la cavalerie.*

«Este esmagamento material, inevitavel, é a explicação por
«sua vez, fisica e psicologica, da rotina secular que, em todos
«os tempos, tem levado a dar a voz de *Carregar* a 50 ou 60
«passos de cavalaria inimiga, porque a esta distancia o efeito
«moral está já produzido e póde-se avançar a toda a velocidade
«sobre gentes, que fazem ou vão fazer meia volta, e que certa-
«tamente o farão para fugir ao esmagamento fatal.

«O andamento final, que deveria proceder a refrega ideal
«dos neo-cavaleiros, não poderá mesmo ser este galope fim de
«manobra já muito amortecido. Cavaleiros que se abordassem
«a este galope seriam duma parte e outra despedaçados, con-
«tusionados ou desmaiados, e em qualquer caso fóra de con-
«dições para esgrimir com a lança ou com o sabre para o que
«se procura a refrega.

«Se se quer realizar a refrega, é necessario que a aproxima-
«ção termine ao passo ou por uma paragem brusca.

«Presumo mal do elan, do mordente e da confiança de ca-
«valeiros que se tenham ensinado a parar com o fim de se
«servir das armas. Gente tão fóra da mão não tem nenhuma
«das qualidades, que fazem uma cavalaria ardente e irresistivel.

«Ha mais. *Uma cavalaria que quer realizar a refrega não
«póde, não deve procurar a coesão.*

«A coesão, que transforma as fileiras em muralha viva e
«que inspira ao adversario o temor de nelas se quebrar, é abso-
«lutamente desfavoravel ao livre desenvolvimento das forças
«individuais de cada cavaleiro na refrega. E' necessario prescre-
«ver e procurar, pelo contrario, o descosido, a meia união das
«filas onde cada cavalerio terá toda liberdade de esgrimir.

«Assim, a ausencia de toda a velocidade e a ausencia da coe-
«são e de ordem são as condições obrigatorias duma bôa refrega.

«*Qual poderá então ser a consistencia moral duma cavalaria
«tão gotica, deante de uma cavalaria rapida, ardente e resoluta?*

«Não, a verdade moral está no grande R. d'Ardant du
«Picq. O que é necessario desenvolver e sobreexcitar até ao
«paroxismo é a força moral.

«Eu não digo á cavalaria francêsa! «Quando duas cavalarias
«se atacam uma faz meia volta. Digo-lhe: — Coragem e baixas
«as mãos. Vamos; a *fundo*: o adversario, ainda que seja prus-
«siano, não se manterá na vossa frente e fugirá deante da vossa
«avalanche.

«Se ele a espera, é porque vós não tendes sabido levantar bem terrivelmente a vossa impulsão moral. Então servi-vos das vossas armas; «Porque esta teoria da impulsão moral do bloco «não exclue por fórma nenhuma a preparação individual do «cavaleiro».

Se considerarmos que o que se acaba de lêr é baseado nas opiniões do coronel Schauenbourg; Curely; de Brack; príncipe de Hohenlohe; príncipe de Ligne, la Roche-Aymon; Marmont, facilmente se concebe que não possamos partilhar a opinião expressa no n.º 161 do regulamento, e tão tenazmente defendida pelo senhor major Carmona, de que a refrega seja a consequencia do choque.

O proprio capitão Loir, citado pelo nosso contraditor, diz, refêrindo-se á carga da brigada Bredow:

«Au reste, mieux vaut desorganiser deux bataillons qu'ane-
«antir une compagnie. A la vitesse des chevaux emportéz á
«une allure endiablée, il est d'ailleurs bien difficile de doner du
«sabre ou de la lance. Donc, pas d'arret; Alons toujours de
«l'avant, toujours plus loin semer l'effroi partout. Prenons mo-
«dèle sur cette charge et, comme elle, allons-y á fond!!»

O que mostra não ter sido devidamente interpretada a opinião deste auctor.

Sobre o tempo de duração da refrega, que o regulamento diz ser de *pequena duração*, e com que concorda o auctor do artigo a que estamos respondendo, julgamos conveniente fazer sentir que o nosso modo de vêr se fundamenta na opinião de auctores, que julgamos de merecida reputação, alguns dos quais, como vamos mostrar, citam episodios do combate de Ville-sur-Yron em reforço da sua maneira de ver, combate este que, no artigo a que aludimos, se cita para tirar conclusões opostas.

Assim, referindo-se á acção do 2.º esquadrão dos Dragões da Guarda em Mars-la-Tour diz o capitão Tournadre ¹ que já por mais duma vez aqui temos citado: «A desproporção dos
«efectivos, que puderam lutar, comtudo, durante um tempo
«apreciavel, mostra que é possivel sustentar-se contra forças su-
«periores, uma vez que se as tenha penetrado. Basta ter gravada
«no coração a divisa querida de Brack! ²

¹ Capitaine Tonrnadre—Lettres á Plock.

² Une charge a sa minute d'elan, sa minute de mêlée, puis celle d'hésitation et celle de retraite.

«Poder-se-ha então, por vezes, com uma tropa de pequeno efectivo, á qual se pede um sacrificio momentaneo, preparar uma manobra decisiva economisando forças e procurando empenhar as do adversario.

«A duração desta abordagem, mais característica das refregas que se vão seguir, *interrompidas por ordem*, mostram tambem a distancia que nos separa de *choque-relampago*, de que se nos fala tantas vezes! A refrega é demorada. Uma vez começada, torna-se um verdadeiro elemento de manobra. Permite esperar, sem abandonar o terreno, as intervenções oportunas. Certamente a meia volta do inimigo é melhor — é quasi uma facecia o dize-lo, — mas a refrega será um epilogo muito frequente da carga ¹. Não se deve *procura-la*, mas aceita-la e tirar dela partido pois desempenha no combate uma missão para o qual é preciso preparação.

«Para nos garantir refregas obstinadas, podendo servir de elemento de manobra e desempenhar uma acção preponderante no combate demonstrativo, que é muitas vezes um preludio da vitória, é necessario, — com muita equitação e ensino —, dois indispensaveis factores: emprego racional do sabre — treino fisico.»

E não se diga que a opinião dêste autôr é exclusiva, pois o mesmo modo de vêr manifesta o general Durand ² o qual, estabelecendo o que chama os teoremas preliminares do combate de cavalaria, diz, depois de afirmar que no combate os cavaleiros se abordarão com furia: — «Outros, menos excessivos, julgam poder afirmar que a refrega será de pequena duração. Enganam-se. Conheço os nossos cavaleiros. Como os seus antepassados acutilarão até ao último esforço. O combate de Ville-sur-Iron não durou mais de três quartos de hora? E quem ou será afirmar que, se apezar dos 3 quilometros que a separavam das primeiras refregas, a divisão Clerambault tivesse sido conduzida sobre o planalto, onde flutuavam tantos destroços, ela não teria liquidado este combate em nosso favor? E' que as refregas se prolongaram bastante e o restabelecimento da

Soyez ferme pendant la seconde et la troisieme minute, la victoire est a vous!

¹ NB. Da carga e não do choque.

² General Durand — Une doctrine sur le combat de cavalerie.

«ordem tinha sido sufficientemente laborioso para lhe dar tempo
«a chegar... se ela tivesse querido.»

Ainda o sr. major Carmona, insistindo em defender que aos lanceiros se lembre que «o movimento em *roda parar* tem por vezes vantagem sobre as estocadas» alega que tal movimento está regulamentado em todos os países. Mas o que nós afirmamos é que, em nenhum, este movimento seja indicado senão como um recurso. Assim, por exemplo, o regulamento francês diz no n.º 133 «Les coups de hampe sont exceptionnels, mais ils constituent pour le lancier la seule façon d'utiliser son arme quand il est réduit au corps-à-corps». O que, como se vê, faz muita diferença da prescrição do nosso regulamento, que a proposito da refrega diz — «*Os lanceiros só na última extremidade desembainham as espadas : o movimento em roda parar quando possa executar-se e feito com energia, tem por vezes vantagem sobre as estocadas.*» Ora, o que aqui criticamos, é o começar por dizer-se que casos haverá em que o lanceiro tenha de abandonar a lança para desembainhar a espada, o que certamente não lhe fará aumentar muito a confiança que tenha naquela arma, e seguidamente dizer-se-lhe que os golpes da haste possam em qualquer caso *ter vantagem* sobre as estocadas, o que é muito diferente do que, por exemplo, se transcreveu do regulamento francês o qual, interpretado á letra, diz: — Quando, pela proximidade do adversario, não se possa fazer uso da ponta empregam-se os golpes de haste.

O regulamento espanhol diz: — n.º 75 prescrição 5.^a — «Far-se há compreender aos soldados que esta arma é iminentemente ofensiva, e que é muito difficil parar uma lançada bem dirigida. O soldado armado de lança não tem lado fraco, podendo ferir, em caso de necessidade, com a ponta ou com o conto da lança; e ainda tambem as proprias paradas, tem um duplo character ofensivo defensivo bastante, para inutilisar um adversario.»

N.º 88 — «A lança é a arma genuina do cavaleiro... o instructor limitar-se há a iniciar os soldados nas diferentes situações do combate empregando... e inculcar-lhes o principio geral do combate que é — atacar melhor do que pensar em defender-se, porque a lança é ofensiva antes de tudo.

.....
«O lanceiro não deve perder de vista o procurar sempre o es-

«paço necessario para o manejo da arma; na refrega, abre caminho pelo movimento em *roda parar* que é tambem ofensivo.»

Do regulamento alemão escusado é falar-se; basta que se saiba que neste país a lança é considerada por forma tal, que a orientação geral hoje é armar a cavalaria exclusivamente com esta arma para o combate a cavalo, ficando o armamento do cavaleiro a ser constituido sómente pela lança, carabina e um sabre de infantaria para ser utilisado como baioneta.

O exemplo que foi citado, extraído de Brack, para mostrar as vantagens do movimento em *roda parar*, não resiste a uma leve critica e certamente não foi devidamente ponderado, antes de ser apresentado, com este fim. Quem poderá acreditar que o movimento em *roda parar* seja dotado de tais virtudes que baste para deitar por terra um cavaleiro, apanhar-lhe o cavalo e produzir ferimentos tais que se possa dizer que o atingido tinha o ombro *cortado como se fôra a fio de espada*?!

Embora visto através o tempo, á luz do sol de Eylau e o golpe tenha sido dado por um desses terriveis cossacos que chegaram a infundir pavôr aos mais destemidos soldados de Napoleão, não podemos acreditar que uma pancada dada com a haste da lança, instrumento contundente, se possa assemelhar, nos seus efeitos, ao ferimento produzido pelo gume afiado duma espada.

No combate a pé, e especialmente no que se refere aos *grupos de combate*, parece-nos que a opinião do nosso illustre contraditor evolucionou, pois que, ao passo que no artigo publicado no número de março desta *Revista*¹, pagina 170, escrevia sobre o fraccionamento em grupos «*Pode pois concluir-se, sem hesitação, que um exame atento deste fraccionamento está longe de se impôr, quando subordinado ao aspecto capital, o combate.*» diz-se no número de maio do mesmo jornal — «Tudo isto vem a proposito da acusação feita ao regulamento de não dar ao *grupo* a importancia devida, quando afinal o que parece é que ele evitou dar-lh'a demasiada.

«*E' certo que é deficiente na instrução e organização do grupo*

.

¹ *Revista Militar*—março de 1914—O novo regulamento para a instrução tactica da cavalaria.

◀E' natural que tal facto não esquecesse aos autores do regulamento e que, portanto, apareça no regulamento definitivo no seu devido lugar.▶

Notemos, ao terminar esta citação, que a pagina 167 do número de março desta *Revista* o defensor do regulamento dizia: — *◀No estudo desta questão, há hoje duas correntes perfeitamente definidas: a que prefere a sub-divisão em grupos e a que se limita ao fraccionamento em duas secções. O regulamento adoptou esta última; o sr. capitão Sarmento a primeira, sem a justificar.▶*

Para terminar seja-nos permitido novamente insistir na doutrina do n.º 183 do Regulamento, que o sr. major Carmona pretende explicar no seu último artigo. Com toda a franqueza devemos dizer não sopôr que haja alguém que conheça, de leve que seja, os efeitos do moderno armamento, que julgue possível, ás médias ou mesmo ás grandes distancias, deslocar para a frente, uma linha de atiradores mandando-os previamente montar a cavalo, como também não acreditamos que haja cavaleiro que julgue, do coração, ser possível avançar em zigue-zague ao galope largo com um pelotão *formado numa fileira e aproveitando os accidentes do terreno.*

JULIO DE MORAES SARMENTO

Cap. de cav.

CRÓNICA DO EXERCITO ESPANHOL

I— Os trabalhos praticos finais na escola superior de guerra e nas academias das diversas armas

Como nos anos anteriores, os trabalhos de aplicação realizados nas escolas militares espanholas tiveram este ano grande desenvolvimento, e por isso julgamos que se nos torna interessante dar um esborço desses trabalhos. Os trabalhos de caracter geral foram dirigidos pelos directores das respectivas academias e os de caracter especial pelos respectivos professores. As viagens de instrução foram dirigidas pelos directores e chefes d'estudos. Estes apresentaram no fim dos trabalhos um relatório sobre esses trabalhos.

A — *Escola Superior de Guerra*. Em harmonia com as *Instruções* para o regime interno e com a *Ordem* de 27 de março de 1913 foram organisados os programas de trabalhos praticos deste ano, e que compreenderam :

- 1 — Viagens de instrução e visitas a estabelecimentos.
- 2 — Exercicios topograficos
- 3 — Trabalhos logísticos.

1.º ano. Os alunos do 1.º ano realisaram de 15 a 30 de maio uma viagem interessante de geografia militar aplicada, estudando os fenomenos geologicos do vale da Pedra na Serra de Monserrat, que faz parte da antecordilheira dos *Pirineos orientais* (chamados tambem Pirineos catalães) e que pertence á serie de posições que interceptam as comunicações que dos Pirineos se dirigem, ou sobre Barcelona, ou sobre Lerida. Em seguida foram estudar a constituição geologica da Albufera de Valencia.

Ao mesmo tempo visitaram os quartéis, hospitais, parques, fabricas e os principais estabelecimentos militares e civis de

Tarrasa, Sabadell, Barcelona e Valencia. De tudo os alunos foram obrigados a escrever uma *Memoria* tendo depois de fazer uma exposição verbal, dando as explicações necessarias para os professores darem as suas *notas*.

Desde 1 a 30 de junho os mesmos alunos procederam ao levantamento topografico, na escala de 1/5.000 e com a equidistancia de 2^m,5 entre as curvas, numa zona de terreno nos arredores das Navas del Marqués, na provincia de Avila. Antes de se proceder ao levantamento topografico mediu-se um *base* em que se apoiou a triangulação, exigindo-se para aquella um erro relativo não superior a 1:100000 e para esta não superior a 1:10.000.

Os alunos formaram diferentes grupos, procedendo uns á triangulação, e outros ao levantamento, empregando uns o taquiometro, e outros os processos fotogrametricos.

Estes trabalhos constituíam uma aplicação das lições professadas nas cadeiras de topografia e geodesia.

2.^o ano. Os alunos do 2.^o ano realisaram de 15 a 30 de maio diversas visitas e missões a estabelecimentos diversos de caracter scientifico, sendo para isso divididos em três grupos:

1.^o Grupo. — Os alúnos deste grupo visitaram a estação sismologica de Toledo, a estação meteorologica de Almería, o observatorio da Cartuxa em Granada, o mareografo de Cadiz e o observatorio de S. Fernando, e a estação pendular da Benvente.

2.^o Grupo. — Foram a Sevilha visitar a fabrica de viaturas a fabrica de artilharia e a de pirotecnia; e a Granada a fabrica de polvora e de explosivos.

3.^o Grupo. — Visitaram em Madrid os diferentes serviços do centro eletro-tecnico (automobilismo, telegrafia e radiotelegrafia) e a escola de aviação em Quatro Vientos; e em Guadalajara os serviços de aerostação e radiotelegrafia, realisando uma viagem numa estação auto-radiotelegrafica, que funcionou; depois foram a Zaragossa visitar o material do regimento de pontoneiros, e em seguida o traçado do caminho de ferro de Ripoll, Puigcerda a França e o respectivo tunel internacional.

O mesmo curso realisou de 1 a 30 de junho diversos exercicios taticos na zona de terreno compreendida entre as estradas do Pardo, Galiza e Extremadura.

Em primeiro logar os alúnos executaram um reconheci-

mento das posições principais da zona, em harmonia com os fins taticos, que se tinha em vista; e em seguida resolveram diversos problemas taticos, primeiro relativos a destacamentos mixtos, e em seguida empregando brigadas mixtas e divisões, atendendo sempre a situações de marcha, estacionamento e combate.

Os alúnos alternavam-se no comando das colúnas e das unidades e serviços que as constituíam, redigindo ordens, instruções e todos os documentos que são regulamentares em campanha.

Os professores faziam a critica das diversas operações.

3.^o ano. Os trabalhos de ordem geografica e estrategica realísados por estes alúnos tiveram uma grande importancia. Como nos anos anteriores, estes trabalhos tiveram logar proximo da fronteira portugûesa, sendo este ano na Galliza, e de 15 de maio a 14 de junho.

Na *hipotese geral* supunha-se que, na previsão de uma guerra com uma nação europêa, era concentrada na Galliza, vigiando a fronteira portugûesa e uma parte das costas, um corpo d'exercito constituido por 3 divisões (1.^a, 13.^a e 14.^a), dispondo o comando da artilharia da praça de Ferrol e dos serviços da 8.^a região

Este corpo d'exercito deveria concentrar-se e desenvolver-se estrategicamente entre a costa e a fronteira portugûesa seguindo o curso do rio Minho até á foz do rio Eo (Rivadeo).

O corpo d'exercito deveria, pois, vigiar a costa, para se opôr a um desembarque, e repelir qualquer movimento ofensivo vindo do territorio portugûes.

Os trabalhos realizados nesta região da Galiza, foram muito complexos.

Em primeiro logar os alúnos procederam a um reconhecimento dos recursos militares da zona de concentração e do terreno, sob o ponto de vista orografico, hidrografico e das vias de comunicação; em segundo logar, estudaram as condições em que as forças terrestres poderiam ser auxiliadas pela marinha de guerra, reconhecendo os pontos mais favoraveis da costa para o embarque de uma divisão, e por isso visitaram Vigo, Orense, Lugo e Ferrol.

Todos estes estudos deram logar — a um plano de transportes em caminhos de ferro de tropas, gado e material; calculo

dos trens militares necesarios, marcha dos mesmos; estações de embarque e desembarque, rendimento das linhas, acantonamento das forças, serviço de abastecimento e sanitario, reconhecimento militar das linhas ferreas, etc.

Uma *Memoria* acompanhava estes trabalhos sobre os principais factos historicos realizados nesta região.

Antes de iniciados estes trabalhos práticos, já os alunos tinham executado na Escola diversos trabalhos de preparação sobre a carta e utilizando as estatísticas existentes.

Um dos officiaes da Escola desempenhou as funções de comandante do corpo d'exercito, enquanto outros comandavam as divizões. Os alunos exerceram as funções de chefes d'estado maior, comandantes das brigadas e serviços.

De 15 a 29 de junho, os mesmos alunos foram estudar o valôr militar do porto de Mahon e baías de Fornell, e cidadela da ilha de Minorca, e das baías de Palma, Alcudia, Pollensa e Soller da ilha da Maiorca, assim como as posições importantes do interior, visitando os quartéis de Villacarlos e as baterias de Mola e S. Felipe de Mahon e os fortes e baterias das duas frentes da baía de Palma.

B — *Academia de infantaria* (Toledo). Os alunos desta academia, constituindo um destacamento mixto com 2 batalhões d'infantaria, uma secção ciclista, uma secção de metralhadoras e uma secção de telegrafistas, saíram em principios de maio para o acampamento de Alijares, onde realizaram os seus trabalhos de applicação, sob a direcção do director da academia, general Martinez Anido.

Todos os alunos foram instalados em tendas de campanha, formando ruas e que eram iluminuadas a luz eléctrica.

Um animatografo foi logo instalado, e que funcionava todas as noites.

Durante os dias que os alunos de infantaria permaneceram em Alijares, executaram diversos trabalhos de fortificação, estabelecimento de comunicações telegraficas, reconhecimentos, fogos de guerra, serviços de campanha e exercicios de combate de dupla acção.

No dia 8 de maio os alunos, formando um regimento, manobram na presença d'el-rei, que passou a noite no acampamento. Na noite de 8 para 9, depois do toque de silencio, e quando todos estavam dormindo, a frente N. E. do acam-

pamento foi atacada de subito por uma companhia de infantaria.

Os *piquetes* e a *reserva* do serviço de segurança responderam logo ao fogo, enquanto um batalhão organizava um contra-ataque, sendo então completamente repelidas as forças atacantes. Os poderosos reflectores, que possuia o acampamento, auxiliaram eficazmente as operações da defesa. El-rei, que assistiu a este combate, aplaudiu a prestêsa com que todos correram aos seus postos, assim como tambem a ordem com que fôra organizado este ataque noturno.

No dia 9, a chuva e o temporal desencadearam-se de tal maneira, que o acampamento ficou inundado, sendo arrancadas as barracas, ficando assim prejudicados os trabalhos, que se deviam realizar neste dia, e por isso Afonso XIII retirou para Madrid.

No dia 13 de maio, começaram os exercicios de marchas de guerra. No 1.º dia a marcha foi de 18 kilometros; no 2.º dia foi de 25 km.; e no 3.º atingiu 30 km.

No dia 13 os alúnos saíram ás 14^h,30^m pela estrada de Avila e caminho do Moinho do Egado a Bargas.

A colúna era constituída por 4 batalhões de infantaria, 1 esquadrão de cavalaria, uma bateria de artilharia com o 2.º escalão, 1 secção de ciclistas e outra de metralhadoras. O caminho, a maior parte das vêses de areia, demorou a marcha, cuja velocidade foi inferior á normal. No terreno de Bargas, os alunos tiveram um grande alto, comendo um rancho frio, e regressando em seguida ao Alcazar pela estrada de Madrid. Eram 21 horas, quando chegaram.

No dia 14, realisou-se uma marcha de noite. A colúna, coberta por uma guarda de flanco sobre a direita, começou o movimento ás 21^h,30^m.

Uma companhia, que representava o inimigo, foi hostilizando a colúna durante a marcha, sendo esta obrigada a tomar as necessarias disposições para repelir os ataques ¹. Era uma hora da madrugada quando a colúna chegou a Burguillos, sobre a estrada que de Toledo se dirige a Orgaz.

Depois de um pequeno alto, regressaram a Toledo, onde chegaram ás 4 ¹/₂ da madrugada. O general director acompanhou sempre os alúnos.

¹ Procurou-se realisar uma situação *marroquina*.

O general Aranaz, chefe de uma das secções do ministerio da guerra (*instrução e recrutamento*), e como tal, inspector das academias militares, assistiu a alguns dos trabalhos praticos dos alúnos da academia de Toledo (assim como aos das outras academias), tendo já em abril passado inspecção á mesma academia, assistindo ás aulas e aos trabalhos de gabinete e de laboratorios, e a alguns exercicios no campo, tendo-se demorado aí cinco dias.

A acção do general inspector tem sido de uma grande importancia, pois tem dado lugar a que se procure uniformisar os métodos de ensino nas diferentes academias militares¹, pois, como sabemos, em Espanha cada arma e serviço tem a sua academia privativa, o que tem dado lugar a discordancias profundas nos métodos de ensino, e ainda a grandes despesas.

Os alúnos dos 2.º e 3.º anos da academia de infantaria realizaram tambem viagens de instrução a Sevilha, Granada, Trubia e Oviedo.

C) — *Academia de cavalaria* (Valladolid). Os alúnos desta academia tiveram primeiro um periodo de exercicios preparatorios, seguidos de um periodo de trabalhos de conjunto, que durou 7 dias.

Os alúnos constituíram um esquadrão com 4 secções. Realizaram primeiro exercicios de tiro de combate, trabalhos topograficos, de telegrafia, de fortificação e minas, organização de pontes improvisadas e desenho panoramico. Em seguida, no 2.º periodo, executaram então diversos serviços de campanha (marcha, estacionamento e combate com inimigo figurado). Os trabalhos do 1.º periodo foram realizados entre Herrera e Tudela do Douro, a 16 qm. de Valladolid. Em seguida, os alúnos do 2.º ano foram visitar o posto hipico de Leão, enquanto os do 3.º ano realizaram no dia 2 de maio uma marcha de velo-

¹ A falta de uniformidade nos métodos de ensino deu lugar a que fosse ultimamente publicado um decreto, mandando revêr os programas do ensino teórico das diferentes academias militares, de modo a permitir que se dê maior desenvolvimento ao ensino pratico, o qual deverá acompanhar a par e passo o ensino teórico nas disciplinas em que isto seja possivel. O citado decreto chama a atenção para as vantagens que ultimamente têm sido obtidas na Escola superior de guerra, em virtude da forma pratica dada ao ensino, tomando para modelo as escolas congeneres da Alemanha e França, para onde têm sido comissionados alguns officiais do exercito espanhol.

cidade de 50 qm. por Fuensaldaña, Villalba del Alcor e Rio Sêco, e depois uma marcha forçada de 76 qm. pela estrada de Castromonte a Valladolid. Todos os trabalhos praticos foram dirigidos pelo coronel Rosello, director da Academia.

D) — *Academia de artilharia* (Segovia). Os alunos da academia de artilharia fizeram exercicios de marcha com 2 grupos de baterias, trabalhos de bivaque e de reconhecimento, e visitas a diversas fabricas e praças de guerra.

Os 40 alunos do 3.º ano foram divididos em 2 grupos: o 1.º grupo visitou a fabrica de Granada, onde estudaram as applicões da quimica ao fabrico das polvoras e explosivos; e o 2.º grupo visitou em Madrid o acampamento de Carabanchel, o laboratorio da comissão de experiencias de artilharia, o centro automobilista, seguindo depois para Toledo a visitar a fabrica d'armas de Toledo.

Os 69 alunos do 5.º ano foram divididos em 4 grupos: o 1.º grupo (17 2.ºs tenentes) visitou os estabelecimentos fabris de artilharia em Sevilha; o 2.º grupo (18 alunos) visitou as fabricas militares de Oviedo e Trubia e as principais da industria particular da região; o 3.º grupo (17 alunos) foi a Cartagena estudar as fortificações e assistir a exercicios de tiro de artilharia de praça e costa, indo depois a Murcia visitar a fabrica de polvoras; o 4.º grupo (17 alunos) foi a Barcelona visitar as fortificações da praça e os diversos estabelecimentos fabris militares e particulares.

Nas fabricas de Sevilha e de Trubia assistiram os alunos ao fabrico do moderno material de artilharia de campanha e nas de Oviedo e Toledo assistiram ao fabrico das modernas espingardas e carabinas e baionetas, assim como ao das balas pontudas. Na fabrica de Granada viram os alunos o fabrico do explosivo — *Trilita* — empregado pelos espanhois no carregamento das granadas explosivas.

As modernas balas da infantaria espanhola têm uma velocidade de 850^m por segundo.

E) — *Academia de engenharia*. As viagens de instrução dos alunos desta academia começaram em 17 e terminaram em 28 de maio.

Os 10 2.ºs tenentes do 5.º ano foram a Saragoça visitar o regimento de pontoneiros, e a Jaca visitar as obras de fortificação do campo entrincheirado, que defende as communicações que atravessam os Pireneus, vindo de Oleron.

Os 12 alúnos do 4.º ano foram tambem a Saragoça, visitando as oficinas do material circulante de caminhos de ferro e tranvias de Ecauriaza; depois foram visitar a notavel ponte de Tortosa sobre o Ebro e o observatorio, e em seguida a Tarragona e Valencia, visitar os portos, as estações ferro-viarias, e os edificios militares e civis mais importantes.

Os 16 alúnos do 3.º ano visitaram em Bilbao os estabelecimentos industriais, as fabricas de cimento e as estações hydraulicas e electricas, indo tambem a Vitoria visitar a escola de aviação e as instalações industriais.

F) *Academia de intendencia* (Avila). Os 34 alúnos do 3.º ano desta academia formaram 2 grupos, cada um de 17 alúnos. Um grupo foi a Barcelona visitar todos os estabelecimentos que mais directamente lhe interessava. O outro grupo, acompanhado pelo director da mesma academia, sr. Diaz Muñoz, foi a Madrid, onde visitou o estabelecimento central da Intendencia, o parque, as tropas da 1.ª comandancia, o hospital militar de Carabanchel, o laboratorio central de saude militar, o instituto de higiene militar e os estabelecimentos particulares que mais interesse tinham para estes alúnos.

Cada um dos grupos era acompanhado por um professor e por um adjunto.

Os directores dos diferentes estabelecimentos da Intendencia de Madrid reuniram-se e ofereceram um almoço no *Palace Hotel* aos professores e alúnos da academia, antes de se retirarem para Avila.

Como nos anos anteriores, os transportes em caminho de ferro, subsidios a professores e as despezas com o pessoal auxiliar, foram pagas pelo ministerio da guerra e não pelas dotações das academias.

O largo desenvolvimento dado aos trabalhos práticos nas academias militares espanholas exige despezas consideraveis; mas sem dinheiro não se póde dar a devida preparação aos alunos, que devem ser officiais.

II — Alterações introduzidas no regime da academia de artilharia

A partir de 1 de setembro de 1914 começa nesta academia o internato para os alúnos dos três primeiros anos, nas mesmas condições em que já tem logar nas academias de infantaria e

cavalaria. O internato é obrigatorio para os alúnos que entram no proximo ano lectivo, e facultativo para os que atualmente frequentam a academia.

Os *exames de admissão* compreendem 5 provas:

No 1.º dia tem logar a inspeção e a prova de ginástica;

no 2.º dia as provas de francês, desenho e gramatica castelhana;

no 3.º dia a prova de geografia e historia;

no 4.º dia a de aritmetica e algebra (compreendendo uma parte teórica e outra prática);

no 5.º dia tem logar a prova de geometria e trigonometria (parte teórica e prática).

Ha um juri para cada grupo de provas, tendo como presidentes, officiais superiores e como vogais, 4 capitães ou tenentes.

III — Concurso de admissão á escola superior de guerra

O concurso de admissão a esta escola para 1914-1915, começa em 15 de setembro proximo. São admitidos 40 officiais capitães e tenentes das diversas armas, sendo 24 de infantaria, 7 de cavalaria, 6 de artilharia e 3 de engenharia.

É constituido um juri, sob a presidencia do general Cevallos y Beltran, director da escola superior de guerra, tendo como vogais cinco coroneis das diferentes armas e do corpo d'estado maior, para apreciar e classificar as provas do concurso.

Estas provas compreendem as seguintes disciplinas: *literatura castelhana, geografia geral, historia universal, direito politico e administrativo, francês e resolução de problemas táticos* relativos a casos particulares para applicação dos regulamentos

São dispensados das provas de *literatura e direito*, os candidatos que apresentem diploma de aprovação destas disciplinas nas universidades ou faculdades superiores.

Para precisar melhor a amplitude dos programas e não dar logar a equívocos, são citados os livros que se devem consultar para as diferentes disciplinas, não se podendo exigir mais do que vem desenvolvido nos referidos livros.

IV — As promoções no exercito espanhol

Apesar da guerra d'Africa ter dado lugar a uma maior aceleração nas promoções, comtudo os officiaes do visinho reino queixam-se não só do atrazo em que estão, mas principalmente da grande desigualdade que ha nas promoções nas diversas armas.

A guerra d'Africa, tendo dado ensejo a numerosas promoções por *merito de guerra*, se tem beneficiado os que teem visto recompensados os seus serviços por uma aceleração na promoção, tem comtudo mais agravado a situação dos que são promovidos regularmente, e tanto que no parlamento se apresentou o alvitre de se suspender as promoções por serviços distintos na guerra, guardando-se para o fim desta tal recompensa.

Na arma de infantaria, foram promovidos, durante o ano findo, por serviços distintos na guerra — um coronel a general, 6 tenentes-coroneis a coroneis, 4 majores a tenentes coroneis, 12 capitães a majores, 12 1.^{os} tenentes a capitães e 5 2.^{os} tenentes a 1.^{os} tenentes.

Na arma de cavalaria, foram promovidos tambem por meritos de guerra ao posto immediato, 2 coroneis e 1 tenente-coronel.

Na artilharia, foram promovidos por igual razão, 2 capitães a majores.

As armas mais favorecidas na promoção nos postos superiores, teem sido as dos carabineiros e da guarda civil, seguindo-se depois a de infantaria. No corpo de estado maior, o atrazo na promoção é muito grande.

O ultimo *Anuario* do exercito espanhol, mostra-nos que, em média, foram promovidos a *coroneis*, os tenentes-coroneis :

De carabineiros, com	4	anos	de	posto ;
» cavalaria,	5	»	»	» ;
» guarda-civil,	6	»	»	» ;
» inf. ^a e eng. ^a ,	7	»	»	» ;
» artilharia,	8-9	»	»	» ;
» estado maior,	14	»	»	» ;

Promovidos a *tenentes-coroneis*, os majores :

De carabineiros, com 2 anos de posto ;

De guarda-civil, com 3 anos de posto ;

» inf.^a e cav.^a, » 6-7 » » » ;

» eng.^a e est. m.^{or} » 8 » » » ;

» artilharia, » 9 » » » ;

Promovidos a *majores* os capitães :

De carabineiros, com 8 » » » ;

» g.^{da}-civ.est.m.^{or} » 8-9 » » » ;

» infantaria, » 10 » » » ;

» cavalaria, » 10-11 » » » ;

» artilharia, » 11 » » » ;

» engenharia, » 14-15 » » » ;

Promovidos a *capitães* os 1.^{os} tenentes :

De engenharia, com 4 anos de posto ;

» infantaria, » 4-5 » » » ;

» artilharia, » 6 » » » ;

» carabineiros, » 9 » » » ;

» cavalaria, » 9-10 » » » ;

» guarda-civil, » 11 » » » ;

Portanto, na infantaria, sendo a permanencia de dois anos em 2.^o tenente, 5 em 1.^o tenente, 10 em capitão, 7 em major e 7 em tenente-coronel, ascende-se ao posto de coronel com 31 anos de official ; na cavalaria, com 35 anos ; na artilharia, com 37 ; na engenharia, com 36 ; nos carabineiros, com 27 ; na guarda civil, com 33.

Como, em geral, a promoção a 2.^o tenente tem logar aos 20 anos de idade, segue-se, que o posto de coronel, é atingido aos 51 anos na infantaria, aos 55 na cavalaria, aos 57 na artilharia, aos 56 na engenharia, aos 47 nos carabineiros e aos 53 na guarda civil.

A desigualdade nas promoções nas diversas armas, provém principalmente da falta de proporção entre o numero de subalternos e o de officiaes superiores nas armas.

De facto, no corpo d'estado maior ha 313 officiaes, sendo 232 officiaes superiores, ou sejam 74 % ;

Na engenharia, ha 715 officiaes, sendo 267 officiaes superiores, ou sejam 37 % ;

Na artilharia, ha 1:456 officiaes, sendo 498 officiaes superiores, ou sejam 34 % ;

Na infantaria, ha 5:618 officiaes, sendo 1:810 officiaes superiores, ou sejam 32 % ;

Na cavalaria, ha 1:557 officiais, sendo 439 officiais superiores ou sejam 28 0/0;

Na guarda-civil, 26 0/0;

Nos carabineiros, ha 429 officiais, sendo 100 officiais superiores, ou sejam 20 0/0.

No primeiro quadrimestre deste ano teem sido promovidos no quadro dos officiais generais, os seguintes officiais, a respeito dos quais o *Diario Oficial* nos dá as seguintes indicações:

A general de divisão, foi promovido o de brigada, D. Jose Jofre y Montojo. Era proveniente do corpo d'estado maior, para cujo quadro entrára como tenente, em julho de 1873, tendo então 25 anos de idade. Tinha 5 anos de antiguidade no posto, 66 anos de idade, e era o n.º 16 na escala dos generais de brigada.

Tomou uma parte activa na guerra civil contra os carlistas, tendo sido promovido por meritos de guerra, aos postos de capitão, de major e de tenente-coronel e condecorado por varias vezes pela sua bravura em diversos combates. Foi um distinto professor, escritor militar abalisado, e desempenhou por varias vezes as funções de chefe d'estado maior da 6.ª divisão.

Ao general de divisão foi promovido o de brigada D. Apolinar Sáenz de Buruaga y Mateos, promovido a alferes para a arma de infantaria em fevereiro de 1864, passando em 1865 a frequentar a academia de estado maior, entrando no quadro do corpo como tenente em 1869, tendo então 26 anos de idade.

Tomou tambem parte nas operações contra os carlistas e igualmente na guerra de Cuba em 1873; e, voltando á Península, entrou novamente na guerra carlista, tendo promoções por meritos de guerra Cooperou na notavel obra publicada pelo corpo d'estado maior sobre a guerra carlista. Promovido a general de brigada em 1908, ascendeu agora ao posto immediato com perto de 6 anos de antiguidade de general, tendo 48 anos e 6 mezes de serviço, e era o n.º 7 na escala dos generais de brigada.

A tenente-general foi promovido o general de divisão D. Alberto de Borbon y de Castellvi, marquês de Santa Elena. Era proveniente da arma de cavalaria e tomou parte importante nas guerras de Cuba.

Como coronel desempenhou o cargo de *adido militar* á embaixada de Espanha em Londres, situação em que se conservou desde 1890 até ser promovido a general de brigada em 1895. Foi promovido a general de divisão em 1905, e portanto tinha agora 8 anos e 8 mezes de antiguidade neste posto e 60 anos de idade. Era o n.º 1 na escala dos generais de divisão.

A tenente-general foi também promovido o de divisão D. José Barraquer y Roviralta, proveniente do corpo d'estado maior, em cujo quadro entrou como tenente em 1869. Tomou parte nas operações da Catalunha, tendo promoções por meritos militares. Foi promovido a general de divisão em dezembro de 1905 e comandou a 13.ª divisão. Tem 66 anos de idade, 48 e 8 mezes de serviço e era o n.º 1 no quadro dos generais de divisão.

Ainda temos uma outra promoção a tenente-general, a do general de divisão D. Antonio Tovar y Marcoleta, que provém da arma de infantaria. Tomou também parte nas operações contra os carlistas, e nas guerras de Cuba, tendo promoções por meritos de guerra. Promovido a general de divisão em abril de 1909, tomou parte nalgumas operações contra os mouros de Melilla. Conta 67 anos de idade, quasi 52 anos de serviço, 5 anos de antiguidade no posto e era o n.º 11 no quadro dos generais de divisão.

Temos ainda a mencionar mais quatro promoções a generais de divisão: as dos generais de brigada D. Francisco Campuzano y de la Torre, que provem da arma de cavalaria, do general D. Leopoldo Heredia y Delgado, proveniente da arma de infantaria, do general D. Francisco Jaquotot y Garcia da arma de cavalaria, e do general D. Fernando Molto Ocampo, da arma de infantaria.

Todos estes generais tomaram parte nas operações contra os carlistas e tem promoções por distinção.

O general Campuzano tem 65 anos de idade, 49 de serviço, era o n.º 3 na escala e tinha 6 anos e 6 mezes de antiguidade, como general de brigada.

O general Heredia tem 58 anos de idade, 40 anos de serviço, era o n.º 4 na escala e tinha 6 anos e 4 mezes de antiguidade.

O general Jaquotot tem 63 anos de idade, 48 anos de serviço, era o n.º 5 na escala e tinha 6 anos e 3 mezes de antiguidade.

O general Ocampo tem 58 anos de idade, quasi 42 anos de serviço, era o n.º 18 na escala e tinha 4 anos e 10 mezes de antiguidade.

Temos finalmente a mencionar as promoções a generais de brigada de nove coroneis, sendo um do corpo d'estado maior, um de artilharia, dois de cavalaria e cinco de infantaria.

O coronel do estado maior D. Manuel Agar y Cincúnegui tem 57 anos de idade, 41 anos e 4 mezes de serviço e tinha quasi 9 anos de antiguidade no posto.

Entrou no corpo d'estado maior como tenente em agosto de 1875. Tomou parte na guerra civil, sendo promovido por merito de guerra a capitão.

Foi professor adjunto da academia de estado maior em 1878, saíndo desta comissão em 1879, voltando em 1896 a exercer as funções de professor da escola superior de guerra, sendo então tenente-coronel; e, promovido a coronel em 1905, continuou na escola como chefe de estudos. Era o n.º 1 na escala dos coroneis do corpo de estado maior.

O coronel de infantaria D. Severiano Martinez Anido tem 52 anos de idade, 33 anos e 6 mezes de serviço e fora promovido a coronel em 1910. Era o n.º 50 no quadro dos coroneis da arma.

Entrou em diversas campanhas em Melilla e em Luzón, tendo tido promoções por serviços de guerra. Foi nomeado ajudante de ordens de Afonso XIII, e em 1912 passou a diretor da academia de infantaria, onde tem exercido este cargo com a mais elogiosa distinção.

O coronel de cavalaria D. Roberto White y Gómez tem 61 anos de idade, 42 e 7 mezes de serviço, tendo sido promovido a alferes em 1874 e a coronel em 1907. Tomou parte nas operações contra os carlistas, e em Mindanau e em Melilla tendo tido promoções por meritos de guerras. Era o n.º 10 no quadro dos coroneis da arma.

O coronel de artilharia D. Teodoro Ugarte y Guerrero tem 62 anos de idade, quasi 47 anos de serviço, tendo sido promovido a alferes em junho de 1871 e a coronel em 1906, Tomou parte na guerra carlista, tendo tido promoções por meritos de guerra. Foi um distinto professor da academia de artilharia e desempenhou varias comissões tecnicas em França. Era o n.º 1 no quadro dos coroneis da sua arma.

O coronel de infantaria D. Balbino Gil-Dolz de Castellar y Peyró tem 56 anos de idade, quasi 40 anos de serviço, tendo sidó promovido a alferes em abril de 1875 e a coronel em julho de 1907. Era o n.º 7 no quadro dos coroneis de infantaria.

Tomou parte nas operações contra os carlistas nas provincias de Cuenca, Burgos e Catalunha, depois nas guerras de Cuba, tendo promoções por meritos de guerra. Tem comandado interinamente a 1.ª brigada da 13.ª divisão.

O coronel de infantaria, D. Guilherme Iturriaga, tem 57 anos de idade, 40 anos de serviço e era o n.º 9 no quadro dos coroneis da arma.

Fora promovido a alferes em 1874 e a coronel em agosto de 1907.

Tomou parte na guerra carlista e nas de Cuba, tendo tido promoções por distinção.

O coronel de infantaria D. Gonçalo Sales Serra era o n.º 20 na escala dos coroneis da sua arma ao ser promovido a general. Tem 59 anos de idade e 40 anos de serviço. Fora promovido a alferes em 1875, tendo tomado parte na guerra carlista no corpo de voluntarios de Castellon, tendo-se tornado notavel pela sua bravura e assim como nas Filipinas, pelo que obteve promoções por distinção.

O coronel de infantaria D. Rafael Lachandre Dominguez era o n.º 24 no quadro dos coroneis da arma. Tem 60 anos de idade e quasi 43 de serviço. Foi promovido a alferes em 1874 e a coronel em julho de 1908.

Obteve varias promoções por distinção em virtude da sua bravura nas guerras carlistas, d'África e de Cuba, tendo desempenhado comissões de grande importancia.

O coronel de cavalaria D. Joaquim Herrero Agulló, era o n.º 12 do quadro dos coroneis da arma. Tem 61 anos de idade e quasi 41 de serviço.

Foi promovido a alferes em junho de 1873 e a coronel em junho de 1907.

Entrou em diversos combates contra os carlistas.

Como temos visto, a promoção por escolha de coronel a general de brigada tem recaido nos que tem maiores serviços em campanha (condição 1.ª da lei de promoções) e tem desempenhado serviços especiais e tecnicos (condição 3.ª da mesma lei) e possuem condecorações obtidas por meritos de guerra.

E' claro que todos tinham os 2 anos de comando de regimento, ou desempenhado cargos equivalentes, e estando no primeiro terço da escala.

A promoção verdadeiramente excepcional foi a do coronel Anido, director da academia de infantaria, pois era o n.º 50 na escala dos coroneis da arma.

V — A situação dos sargentos é a dos subalternos no exercito espanhol

Queixam-se os subalternos das diversas armas que a sua situação é deprimente em relação á dos *sub-officiais* (graú mais elevado na classe dos officiaes inferiores que comprehende: *sargentos, brigadas e sub-officiaes*).

De facto, enquanto os sub-officiaes no 4.º periodo de readmissão vencem mensalmente 195 pset. e mais 30 pset. de gratificação (que é considerada como soldo para os efeitos da reforma), além de terem alojamento no quartel, ração de pão e uniforme, os 2.ºs tenentes tem 208,5 pesetas, e sobre este vencimento incide ainda um desconto de 5 % para imposto de rendimento, ficando-lhes pois 198,25 pesetas. Deste exiguo vencimento tem de se vestir, alimentar e pagar alojamento.

Além disto, um 1.º tenente com 35 anos de serviço reforma-se com 187,5 pset. mensais, enquanto que os sub-officiaes com 28 anos de serviço e 8 de efectividade na classe reformam-se com 225 pesetas.

Apesar destas vantagens, os sargentos ainda não estão satisfeitos, porque, dizem eles, aos postos de brigadas e sub-officiaes não corresponderam aumento de consideração, não tendo impedido (nas tropas apeadas) para lhes limpar o armamento e equipamento, não tendo bilhete de identidade para obter a redução de preço nos caminhos de ferro e não se lhes concedendo. . . o *Dom*, que hoje se dá a qualquer porteiro !

A lei de 15 de junho de 1912 mandava crear escolas regionaes para habilitar os brigadas e sub-officiaes á promoção a alferes para os quadros activos, e até hoje a lei não se cumpriu.

Assim houve um agravamento de 4.000,000 de pesetas no orçamento sem que as necessidades organicas reclamassem a criação dos novos postos, e sem contentar ninguem.

V. J. CESAR
Coronel

A alimentação do soldado em campanha e nas escolas de repetição

I

A alimentação do nosso soldado em campanha é regulada pelas Instruções para o Serviço de Subsistências do Regulamento de Campanha (2.^a parte), as quais inserem a tabela n.º 8 com a composição da ração normal de viveres de que, apenas, vou tratar.

A composição da ração normal é a seguinte:

Carne de vaca (peso com osso)	0 ^k ,500
Vinho (sempre que seja possível obtê-lo por exploração local)	0,4
Pão de trigo abiscoitado	0 ^k ,750
Café torrado e moído	0 ^k ,015
Açúcar	0 ^k ,030
Legumes secos	0 ^k ,150
Toucinho	0 ^k ,030
Sal.	0 ^k ,015

Os outros temperos serão em quantidade variável, e obtidos por exploração local.

O Regulamento de Campanha (1.^a parte), no n.º 344 do capítulo xv, não prevendo ainda os casos de haver unidades dotadas com cosinhas rolantes, dispõe que, *normalmente, as praças tomam de manhã o café, com uma parte da ração do pão, conservam parte da ração de carne preparada na véspera e parte da ração de pão para comerem no grande alto; á tarde tomam o rancho cosinhado com os legumes, carne, etc., guardando parte da ração de carne para ser consumida no dia se-*

guinte; por consequencia, a ração normal terá de fornecer três refeições diarias assim compostas:

1.^a

Café	0 ^k ,015
Açúcar	0 ^k ,030
Pão	0 ^k ,250

2.^a

Carne cosida (sem osso)	0 ^k ,200
Pão	0 ^k ,250

3.^a

Carne (com osso)	0 ^k ,300
Legumes secos	0 ^k ,150
Toucinho	0 ^k ,030
Sal.	0 ^k ,015
Temperos	os precisos

E' a 3.^a refeição que, por muitos, tem sido considerada insufficiente, sob o ponto de vista da quantidade dos viveres menores que entram na sua composição. Com efeito, não me consta que a referida tabela 8 tenha sido aplicada de forma a distribuir ás tropas uma refeição como a última acima indicada.

II

De duas vezes que desempenhei as funções de provisor, fui contrariado no desejo de conhecer praticamente os resultados da applicação das tabelas 8 e 15 da Instrução para o Serviço de Subsistencias.

Em 1908, sendo provisor do batalhão de caçadores n.º 3, foi-me ordenada, logo de principio, pelo respectivo comando, a substituição de metade da quantidade da carne da ração normal, pela sua equivalencia em chouriço de carne, e a dos 150 gramas de legumes secos por batata e macarrão em quantidades suficientes para fazer um bom rancho. Não me recordo das quan-

tidades de batata e macarrão empregadas, porem lembro-me bem de que as praças tiveram uma 3.^a refeição succulenta que os proprios officiaes cubiçaram. O chouriço cosido foi conservado para comer como ração fria no dia seguinte.

O comando de caçadores n.º 3 não tinha confiança nas tabelas 8 e 15 das instruções citadas.

Em 1912, quando da incursão couceirista, fui nomeado provisor do regimento de infantaria n.º 5. Ao chegar a Cabeceiras de Basto, como a exploração local produziu batata e feijão em quantidades suficientes, resolvi propôr ao comandante do regimento, para o primeiro dia, a ração normal de viveres assim constituída :

Carne de vaca (peso com osso)	0 ^k ,500
Pão de trigo	0 ^k ,750
Café torrado e moído	0 ^k ,015
Açucar	0 ^k ,030
Feijão amarelo	0 ^k ,100
Batata.	0 ^k ,400
Toucinho	0 ^k ,030
Sal.	0 ^k ,015

Desta forma, em harmonia com o disposto no n.º 225 das Instruções para o Serviço de Subsistencias, substituiu $\frac{1}{3}$ dos legumes secos indicados na tabela 8 por $\frac{1}{3}$ da batata mencionada na tabela 15. Nesta ocasião, foi-me objectado que os soldados tinham direito a \$45 centavos diarios para alimentação e por conseguinte exigiam uma ração mais completa. Com effeito, as circumstancias não permitiam que me cingisse ao determinado no Regulamento de Campanha zelando os interesses da Fazenda Nacional, mas aconselhavam a alimentar o soldado o melhor possivel dando-lhe depois, em dinheiro, a differença entre o seu custo e os \$45 centavos. Isto estava já estabelecido em todo o sector de defêsa entre o Míinho e o Cávado.

Auxiliei-me então das Instruções para os comandos de destacamentos que sabia conterem bons exemplos de refeições, e por élas propuz, ao comando do regimento, todas as rações a distribuir até ao regresso a Lisboa. Apesar de tudo o custo da alimentação diaria, por cada homem, não excedeu \$33 centavos.

Por motivo de doença grave não me foi possível tomar parte nas escolas de repetição de 1912, no entanto pude informar-me de que a Repartição do Gabinete da Secretaria da Guerra auctorisou um aumento á ração indicada na tabela 8 das Instruções para o Serviço de Subsistencias, constando de batata ou hortaliça na percentagem 40 da tabela 7 do Regulamento de Abonos de 1904.

Parece que novamente faltou a confiança na tabela 8 das citadas Instruções.

O aumento autorisado permitiu que a ração normal de viveres fosse reforçada com 480 gramas de batata ou 880 gramas de hortaliça, porem entendo que este reforço ou suplemento não deveria incidir somente sobre estes dois generos. A batata é de morosa preparação para a cosedura, e a hortaliça nem sempre se obtem em quantidade sufficiente nas localidades percorridas pelas tropas.

Soube que uma unidade interpretou melhor a autorização da Repartição de Gabinete, fazendo compreender os legumes verdes nas hortaliças e forneceu uma ração normal de viveres, aos seus homens, assim composta:

Ração normal

Carne de vaca (peso com osso)	0 ^k ,500
Vinho.	0 ^l ,4
Pão	0 ^k ,750
Café	0 ^k ,015
Açucar	0 ^k ,030
Massa (substituindo os legumes secos)	0 ^k ,150
Toucinho	0 ^k ,030
Sal.	0 ^k ,015

Suplemento

Batata (na percentagem 20)	0 ^k ,240
Feijão verde (idem).	0 ^k ,220

Efectivamente a ração assim constituida é sufficientemente volumosa, e de facil preparação a sua 3.^a refeição.

III

Para alimentação das tropas nas escolas de repetição de 1913, uma circular da 8.^a repartição da 2.^a Direcção Geral da Secretaria da Guerra vinha novamente reforçar a ração normal de viveres com um aumento de 40 % de batata e hortaliça. A tabela 8 das Instruções para o Serviço de Subsistencias continuava a ficar reduzida ao papel de tabela base, da qual, aumentando e substituindo os legumes secos, se poderia partir para organizar as tabelas a aplicar, de facto, na alimentação do soldado.

O aumento de 40 % de batata ou hortaliça não satisfiz, porque não era equitativo, visto que as unidades ou fracções de unidades, que não encontrassem estes dois generos, teriam de cingir-se á ração das tabelas 8 e 15.

Assim o entendeu Sua Ex.^a o Ministro da Guerra, nas vespers da partida do destacamento mixto da 1.^a Divisão para a escola de repetição, autorisando que, em lugar dos 150 gramas de legumes secos da indicada tabela 8, se empregassem os generos da tabela 7 do Regulamento de Abonos de 1904, na percentagem 100.

Esta autorização facultou o ter-se fornecido, ás 5 unidades do destacamento mixto, uma alimentação abundante e variada cujo preço médio da ração diaria regulou por \$30 centavos.

Se atentarmos bem na alteração que sofreu a tabela 8 das Instruções para o Serviço de Subsistencias, com a referida autorização ministerial, veremos que se recaiu na tabela 10 do Regulamento de Abonos de 1904. Efectivamente a diferença estava apenas em que esta tabela menciona 400 gramas de carne sem osso, em lugar de 500 gramas, peso com osso.

A faculdade que as unidades do destacamento mixto tiveram de, com tal tabela, escolher os viveres menores da ração, independentemente da ordem do comando do destacamento, permitiu-lhes um melhor aproveitamento dos recursos locais e fornecer uma bôa alimentação.

Todavia, a demasiada latitude que esta tabela dá para compôr diariamente a ração normal de viveres, e a pouca preocupação que há, em geral, pelo custo da alimentação de campanha, podem conduzir a resultados pouco satisfatorios.

Quer a tabela 10 do Regulamento de Abonos, quer a que foi aplicada nas escolas de repetição de 1913 permitem que, na tabela 7 do mesmo regulamento se escolham um ou mais generos desde que não seja excedida a percentagem 100; ora esta tabela oferece-nos, na linha correspondente á percentagem 100, além doutros, os generos seguintes:

Carne de vaca sem osso	0 ^k ,500
Chouriço de carne	0 ^k ,400
Legumes secos	0 ^k ,540
Massas alimenticias	0 ^k ,300

Portanto, a tabela 10 e a sua semelhante dão a liberdade, não só de aumentar os legumes secos da ração normal de 150 para 540 gramas e duplicar a quantidade das massas alimenticias, mas ainda a de se substituir os legumes secos por generos de origem animal.

No primeiro caso, 540 gramas de legumes secos para a ração de cada homem é demais; no segundo caso vai destruir-se, duma forma sensível, a combinação de albuminoides, materias gordas e hidratos de carbone, indispensavel na composição da alimentação racional e prevista na tabela 15 das Instruções para o Serviço de Subsistencias, e bem assim modificar-se a ração sem a devida autorização do comando, contra o disposto no n.º 341 do Regulamento de Campanha.

E' claro que me refiro aos casos em que não haja bom criterio por parte daqueles que tenham a seu cargo a alimentação das tropas em campanha, mas, isto só, obriga ao estudo e emprego de outra tabela da ração normal de viveres.

IV

Teóricamente, os resultados a que podemos chegar, quer applicando a tabela 8, quer combinando a applicação desta tabela com a tabela 15, ambas das Instruções para o Serviço de Subsistencias, são muito diversos variando segundo as especies de generos que constituam a ração.

O valor energetico da actual ração normal de viveres, avaliado em calorías, póde estar considerado suficiente, não revestindo a campanha um caratér excecional, mas o seu volume

nem sempre poderá satisfazer as exigencias do estomago do nosso soldado.

Se se empregar batata e pão, batata e hortaliça, ou pão e hortaliça, na composição da ração, a 3.^a refeição satisfaz e é mais rica que a do tempo de paz. Exemplo :

Generos	3. ^a refeição no quartel	3. ^a refeição da ração normal
Carne de vaca.....	0 ^k ,175	0 ^k ,250
Batatas	0 ^k ,540	0 ^k ,600
Pão.....	0 ^k ,125	0 ^k ,125
Toucinho.....	0 ^k ,020	0 ^k ,030

Porém, se na ração normal entrarem legumes secos ou massas alimenticias, obter-se-á um rancho aguado, ou o soldado não encherá a marmitta. Exemplo :

Generos	3. ^a refeição do quartel	3. ^a refeição da ração normal
Carne.....	0 ^k ,200	0 ^k ,250
Grão de bico.....	0 ^k ,189	0 ^k ,150
Massa.....	0 ^k ,195	—
Toucinho.....	0 ^k ,015	0 ^k ,030

Estes dois exemplos mostram que, a actual ração normal de viveres necessita apenas de reforço na quantidade de legumes secos, não por deficiencia em hidratos de carbone, mas, como disse, para lhe dar o volume desejado.

V

A ração normal de viveres foi posta em vigor em 1908 com as Instruções para o serviço de Subsistencias, e o seu valor energetico de 3349 calorias foi considerado suficiente em comparação com as rações normal e forte do exercito francês —, cujo soldado mais se assemelha ao nosso — as quais podiam fornecer ao organismo, respectivamente, 3144 e 3457 calorias.

Porém, pela *Instruction du 15 février 1909* o exercito francês passava a ter uma ração de campanha compreendendo:

- a) A ração normal de viveres, ou ração forte;
- b) O suplemento do comandante da unidade.

O valor energetico da ração franceza assim composta é de 3773 calorias na ração normal e de 4106 na ração forte, excedendo por isso actualmente, o valor calorico da nossa ração normal, a primeira em 424, e a segunda em 757 calorias.

VI

Das considerações precedentes conclue-se:

1.º que tem havido falta de confiança na applicação da tabela 8 das Instruções para o Serviço de Subsistencias, embora com a faculdade de se recorrer á tabela 15;

2.º que se tem applicado nas escolas de repetição, e em exercicios anteriores, a ração da tabela 8 acrescida de suplemento, sem ser em caso de trabalhos excépcionais;

3.º que, entrando na composição da ração normal legumes secos ou massas alimenticias, a 3.ª refeição não tem o volume desejado pelo nosso soldado;

4.º que a nossa ração normal de campanha tem um valor energetico sensivelmente inferior á do exercito francês que lhe tem servido de comparação;

5.º que é indispensavel estabelecer definitivamente qual a ração normal de viveres que deve ser distribuida, ás nossas tropas, nas escolas de repetição e em campanha.

VII

Resta apresentar a minha opinião sobre qual deve ser a composição da ração normal de viveres de campanha.

No exercito francês, como acima indiquei, e em quasi todos os exercitos europeus, a alimentação em campanha compreende uma parte fixa de generos fornecidos pela Intendencia, e um suplemento a cargo das unidades que o obtem por exploração local, ou pedem á Intendencia na insuficiencia desta.

Adverso ás complicações de serviços, principalmente em campanha, não posso concordar com tal sistema de alimenta-

ção. Opto por uma ração unica, distribuida ás companhias, baterias, esquadrões, etc. sempre por intermedio dos trens de viveres regimentais.

No meu entender, era bastante aumentar, nas tabelas 8 e 15 em questão, as quantidades de legumes secos e massas alimenticias, de 150 para 300 gramas, para termos uma ração normal de viveres razoavel.

Das tabelas 8 e 15, deste modo alteradas, extraí alguns exemplos de conjunto de componentes da ração normal, que apresento em confronto com os que lhes são analogos e entram na composição das 3.^{as} refeições fornecidas nos quartéis.

Generos	Da ração no quartel	Da nova ração de campanha	Substituindo
Pão.....	0 ^k ,125	0 ^k ,125	1/2 dos legumes secos
Feijão.....	0 ^k ,196	0,100	—
Batata.....	0 ^k ,240	0,200	1/6 dos legumes secos
Grão de bico.....	0 ^k ,162	0 ^k ,150	—
Massa.....	0 ^k ,195	0,150	1/2 dos legumes secos
Batata.....	0 ^k ,420	0 ^k ,400	1/3 dos legumes secos
Ervilha sêca.....	0 ^k ,270	0,200	—
Arroz.....	0 ^k ,154	0 ^k ,100	1/2 dos legumes secos
Grão de bico.....	0,189	0,150	—
Feijão.....	0 ^k ,180	0 ^k ,100	—
Hortaliça.....	0,440	0,250	1/6 dos legumes secos
Pão.....	0,125	0,125	1/2 dos legumes secos
Feijão.....	0 ^k ,196	0 ^k ,150	—
Batata.....	0,300	0,400	1/3 dos legumes secos
Hortaliça.....	0,220	0,250	1/6 dos legumes secos

Juntando a estes exemplos a carne, o pão, o vinho, o açúcar, o café, o toucinho e o sal da tabela 8, bem como os temperos necessarios, temos algumas variedades da ração normal de viveres completa, sem necessidade de recorrer a suplementos.

Dos exemplos apresentados, alguns parecerão fazer as 3.^{as} refeições mais fracas que as suas analogas no quartel, porém ha atender que são mais ricas aquelas, em virtude das quantidades de carne e toucinho que lhes competem.

Dois inconveniente traz o aumento que, no meu entender,

devem sofrer os legumes secos e massas alimenticias da actual ração normal. O primeiro consiste em destruir a equivalencia nutritiva dos substituintes dos legumes secos na tabela 15; o segundo está no aumento do custo da ração.

O primeiro inconveniente remove-se com uma convenção, isto é, ficando convencionado, — se assim é preciso —, que 300 gramas de legumes secos equivalem, sob o ponto de vista alimentar, a 1^k,200 de batata, 0^k,200 de arroz, etc. (Vide tabela 15).

Quanto ao segundo inconveniente, entendo que o aumento de custo da ração não deve de facto, ser muito sensível, visto que, como ficou exposto, até hoje, que me conste, não se tem empregado a ração normal de viveres tal qual a determinam as Instruções para o Serviço de Subsistencias. O custo minimo do suplemento auctorisado para cada ração, nas escolas de repetição, é de 1,5 centavos, emquanto que o aumento que julgo conveniente, em poucos casos excederá 1,8 centavos.

Mas, como na referida tabela 15, 150 gramas de legumes secos equivalem a 250 de pão de trigo, e ha opiniões de que a ração de pão com 0^k750 é em demasia, podia, na redução deste genero, encontrar-se a diminuição do custo da ração normal. A ração de pão com 600 gramas parece-me sufficiente, nas escolas de repetição e outros exercicios de tempo de paz em que a alimentação das tropas só por imprevidencia póde deixar de ser assegurada, mas deve haver da parte de todos a necessaria fiscalisação para que os fornecedores a não reduzam mais.

Em tempo de guerra, porém, não deve a ração de pão ser inferior a 0^k750, pois ha contar com os contratempos que podem impedir as distribuições dos outros generos ás tropas.

Na recente guerra dos Balkans, as tropas servias tinham certa a distribuição de 1 kilograma de pão, a cada homem, todas as manhãs; a distribuição dos restantes generos despendia de occasião e dos recursos existentes.

VIII

Disse o grande chefe do estado maior de exercito alemão em 1870, general *von Moltke*, que *a alimentação em campanha só era cara quando fosse má*, e sob a impressão desta fráse

acertada, dispuz-me a escrever o que se me ofereceu sobre a ração normal de viveres, no intuito de concorrer, na medida das minhas forças, para que o importantissimo serviço de alimentação, do nosso exercito em serviço de campanha, seja uma caução do seu bem estar e uma garantia do sua victoria.

Lisboa, 29-4-914.

RIBEIRO DA COSTA.

Tenente do serviço d'administração militar



Obras oferecidas

- 1 PRINCE DE BULOW — **La politique allemande** — *Traduit de l'allemand par M. Maurice Herbette, ministre plenipotenciaire. — Avec nn avant-propos par M. G. de Selves, senateur* — 1 vol. (0^m,23×0^m,15) de 325 pag. avec un portrait du Prince de Bulow. Paris, 1914. Librairie militaire Henri Charles Lavauzelle, 10, rue Danton — Prix 10 francs.

Não podia vir em melhor momento o livro, que temos na nossa frente. Quando toda a Europa está prestes a entrar na maior das conflagrações por que tem passado, e a Alemanha é o centro donde irradiará a palavra, que pode produzir a paz ou a guerra, a publicação de um livro em que se põe em evidencia a ordem de idéas, que reflectidamente tem presidido ás decisões do governo imperial, é de toda a oportunidade.

O príncipe de Bulow foi durante doze anos, de 1897 a 1909, o colaborador e o confidente do actual Imperador Guilherme II. E o livro que ele escreveu, e que M. Herbette traduziu com a maior fidelidade, representa a synthese das idéas manifestadas em numerosos discursos, pronunciados durante esse largo periodo, em que o autor desempenhou as funções de chanceler. Nas suas paginas encontrará o leitor um conjunto de considerações sobre a psicologia dos partidos politicos alemães, e, especialmente, um estudo critico sobre as concepções socialistas; bem como a enumeração de varias idéas de economia politica e a exposição do consideravel desenvolvimento economico do imperio alemão.

Isto já seria bastante para despertar a atenção sobre o livro de que estamos tratando. Mas nêle encontra-se uma parte mais importante, que se refere essencialmente á politica exterior do Imperio, a qual dá na hora presente a maior luz sobre a razão de ser dos acontecimentos internacionais, que se estão desenrolando com a surpresa e o pavôr de todo o mundo civilizado.

Não haverá quem leia sem vivo interesse e surpresa as paginas consagradas ás relações franco-alemãs, á questão marroquina, á Triplíce Aliança e á *Triple-Entente*. Nelas se encontra a opinião do Principe de Bulow sobre a adaptação em França do serviço de três anos, e a consequencia fatal, que esta providencia devia ter, que é a da adopção do imposto global sobre os rendimentos, que o autôr reputa ser o melhor remedio para curar os franceses da —loucura dos armamentos— de que os julga possessos.

Na parte do livro consagrada á politica interior, encontrará ainda o

leitor descriptas quais as dificuldades de maior tomo, que poderão erger-se perante o governo imperial, e expostos os meios próprios para as vencer. A luta contra os democratas socialistas entra nessa ordem de considerações.

A eventualidade de uma proxima guerra é assunto que mereceu a devida atenção do ex-chanceler, e constitue a terceira parte do seu livro, na qual expõe o que julga ser a melhor politica economica, que a Alemanha tem a seguir, sintetizando o seu pensar nas seguintes textuais palavras: — «A guerra é um acontecimento, que deve entrar em todo o calculo politico. Nenhum homem sensato a deseja. Qualquer governo consciencioso procurará desveladamente impedi-la, emquanto a honra e os interesses vitais da nação o permitirem. Mas todos os Estados devem ser dirigidos em cada uma das suas especialidades como se tivesse, no dia seguinte, que sustentar uma guerra.»

Diz, e muito bem, M. Selves no prologo com que abre o livro do Prince de Bulow, que este aviso e conselho não são para desprezar. A prova vêr-se-há breve nos terriveis factos, prestes a desenrolarem-se perante o mundo absorto.

O que deixamos escripto revela bem todo o interesse e oportunidade da obra, que anunciamos, que foi composta em magnificas condições artisticas, e por isso constitue sob todos os pontos de vista um trabalho do maior interesse.

2 G. NONY, *sous-intendant militaire de 2.^e classe*—**L'Intendance en campagne** — *Cours professé au stage de l'Intendance militaire—Préface de M. le générale Langlois*—1 vol. de 496 pag. (0^m,25×0^m,16) avec deux cartes et de nombreux croquis. Paris, 1914. Librairie militaire Henri Charles Lavauzelle, 10, rue Danton. Prix : 10 francs.

O autor deste livro é um antigo official de artilharia, que serviu, sendo tenente, sob as ordens do general Langlois, e a quem este considerou bastante pela preciosa colaboração, que então lhe prestou, como o eminente militar confessa logo no começo do prefacio, com que honrou o livro, prefacio que deve ser considerado como um dos seus últimos trabalhos, pois o escreveu pouco tempo antes do falecimento.

Bastava essa referencia para o livro merecer a atenção dos especialistas, mas ela redobrará, com justo motivo, ao haver conhecimento dos termos lisongeiros com que o general Langlois aprecia o trabalho em questão. Referindo-se á maioria dos estudos da mesma especialidade, diz êle, que constituem apenas indigestas compilações das instruções regulamentares vigentes, amontoados de palavras e de factos sem traço de união, sem pensamento sintetico, sem idéas directivas, dedalos de formulas sem fio condutor, series de lições aptas para esmagar o espirito, mas sem condições para o formar, o que lhe parece natural, visto não haver realmente nada mais difficil em materia administrativa do que apresentar idéas gerais.

Pelo contrario, ao percorrer o tratado do Intendente Nony, ficou surprehendido logo com as primeiras paginas, porque as suas prevenções

contra as obras da especialidade estavam destruídas, lendo a obra até ao seu final sem enfado e sem fadiga, antes com interesse e agrado. Para isto concorreu o mérito literário, o estilo sobrio e elegante, de que o autor dispõe. Analista e polemista, tendo sempre como primeiro fito investigar a razão das coisas, indiferente ás minúcias, mas perscrutador da essência dos regulamentos, o pensamento que sempre o orientou no seu trabalho foi o de demonstrar, que toda a disposição preceptiva se baseava em um principio geral regulador da materia exposta.

As paginas do livro contêm igualmente incitamento caloroso á maior harmonia entre o comando e a intendencia, apelando para que esta dê o exemplo, afim de que a colaboração entre esses dois elementos possa produzir os mais opimos frutos, orientação esta que o general Langlois muito aplaude.

O plano da obra, além dos preliminares, em que se expõem idéas gerais ácerca da organização administrativa dos exercitos, e da situação e missão que á Intendencia neles compete, compreende três partes.

Versa a primeira, sobre os principios que regem o serviço da alimentação dos exercitos, sendo precedida pela historia sumaria dos processos seguidos nas diferentes guerras ocorridas nos tempos modernos, a partir das campanhas de Napoleão I, terminando pela descrição das bases da organização actual. Depois trata da questão do pessoal ; seguidamente dos varios meios de aquisição dos aprovisionamentos ; por ultimo, da constituição das rações e sua distribuição ás tropas.

A segunda parte refere-se á organização e funcionamento da administração nos exercitos, quer na primeira linha, quer nos serviços da recataguarda, sendo nela que o autor expõe a correlação existente entre o comando e a administração, e a organização e modo de funcionar desta última. A tactica dos abastecimentos e o modo de assegurar a alimentação não só no período dos combates, mas em quaisquer outras circunstancias da guerra, são assunto de capítulo especial, como o são igualmente : o conjunto de providencias a adoptar para assegurar o abastecimento nacional ; a contabilidade das subsistencias em campanha ; o fornecimento especial do pão e da carne fresca e, por último, a exposição dos varios processos especiais de alimentação, referentes ás tropas de montanha, ás encarregadas da defesa de costas, ás incumbidas da defesa das praças fortes, etc.

A terceira parte occupa-se determinadamente : dos serviços de tesouraria ; dos de fardamentos ; dos de transportes e comboios ; dos da administração dos corpos e destacamentos em campanha e dos de manobras de armas combinadas e exercicios de applicação.

Como se vê da precedente exposição, o programa da obra abrange todos os assuntos que interessam e dizem respeito á «Intendencia em campanha» pelo que dêle disse muito justamente o general Langlois — que interessava não sómente aos especialistas, para quem havia sido escripto, mas aos officiaes de estado maior, aos que aspiram ao generalato e igualmente a todos os homens ilustrados, embora alheios á profissão militar, que desejem conhecer nas suas linhas gerais um dos mais complexos serviços dos exercitos em campanha.

3 Leis da guerra terrestre (*Projecto de compilação*). Elaborado sob o plano e direcção do tenente coronel de infantaria J. J. Mendes Leal, lente da 1.^a cadeira da Escola de Guerra, por Anibal Cesar Valdez de Passos e Sousa, tenente de artilharia e Eduardo Ferreira Viana, tenente de infantaria, ambos alunos do Curso de Estado Maior — 1 opusc. de 43 pag. (0^m,24×0^m,17) — Lisboa, 1914.

Encontrando-se vaga a 15.^a cadeira da Escola de Guerra, destinada ao curso de Estado Maior, e em cuja segunda parte deve ser leccionado o direito internacional, foi incumbido de a regêr, no corrente ano lectivo, o sr. tenente coronel Mendes Leal, lente da 1.^a cadeira, que o fez do modo superior, que era de esperar dos seus provados conhecimentos juridicos e da sua esclarecida intelligencia. Determinando o regulamento daquela Escola, que uma das formas porque o ensino deve ser ministrado seja com a de redacção de memorias, relativas aos assuntos de maior importancia indicados nos respectivos programas, aquele professor distribuiu aos seus discipulos, como têmea de trabalho especial, o assunto constante do titulo da memoria, que estamos annunciando, reservando-se êle proprio a missão de os guiar na elaboração de tão difficil exercicio, fornecendo-lhes igualmente os elementos indispensaveis para poderem formular um trabalho de valia. Da intima combinação dos esforços do professor e discipulos, resultou a elaboração da memoria, que os nossos leitores leram, por certo, no número desta *Revista*, de maio último, a qual foi depois reproduzida na *separata*, a que estamos fazendo referencia. Não é de estranhar que em um ramo do direito internacional, esparso por tantos diplomas diferentes e sobre cada um dos quaís têm fervido os comentarios dos competentes, como seja o das leis da guerra terrestre, se encontre uma ou outra insuficiencia ou lacuna, tanto mais que foi limitado o tempo em que a dita memoria teve de ser urdida, mas o que com justiça se não deixará de reconhecer é que o trabalho produzido honra igualmente o mestre e discipulos, e evidencia o modo levantado e pratico como é presentemente dirigido o ensino ministrado na Escola de Guerra, da qual é um dos mais abalisados professores o sr. tenente coronel Mendes Leal, como o demonstrou na fórma como regeu uma cadeira, que lhe não pertencia, e que abrange doutrinas sobre as quais não era facil fazer a compilação e exposição.

4 Administração militar — *Resumo das principais disposições regulamentares em Portugal sobre os seus diferentes serviços em tempo de paz: subsistencias; fardamento; transportes; aquartelamento; vencimentos e abonos; conselhos administrativos; gerência dos fundos; processo, liquidação e fiscalização de despezas militares; administração interna das baterias, esquadões e companhias; contractos e requisições militares, etc., etc.* — Coordenado por M. Costa Dias, tenente do serviço de administração militar — 1 vol. de 301 pag. (0^m,23×0^m,155) — Lisboa, 1914.

O sub-titulo do livro, que anunciamos, constitue uma verdadeira summa das materias expostas, e, dada a sua importancia, não póde deixar de

se reconhecer que tal publicação representa um bom serviço prestado aos que, por dever do cargo ou accidentes de serviço, têm de investigar qual a legislação, que rege um ou outro assunto da especialidade. Na inconstancia da nossa legislação sofre verdadeiras torturas morais, quem deseja orientar rigorosamente os seus actos pelâs normas legais. As prescripções contradictorias nela existentes não são facto raro, e não o é igualmente a incorrecção de linguagem dos textos, que são mandados executar, de modo que as duvidas e hesitações nascem a cada passo, não sendo facil resolve-las quem, sobre largo conhecimento dos mesmos textos, não tenha conhecimentos de hermenautica juridica. Os livros da natureza do agora publicado pelo sr. tenente Costa Días são, portanto, auxiliares valiosos, que desbravam muitas dificuldades, merecendo por esse motivo o bom acolhimento do público, tanto mais que o autor é official estudioso e amante da profissão, como o tem demonstrado em outras publicações de incontestavel interesse.

- 5 **ACACIO LOBO — A tactica elementar a pé e a instrução militar preparatoria**—1 opusc. de 77 pag. (0^m,21×0^m,14)—Lisboa, 1914.

Vendo a maneira como é ministrada aos mancebos a instrução militar preparatoria, diferente para alguns da que mais tarde receberão nos regimentos a que se destinem, o autor do opusculo ficou impressionado com tal discordancia, e empregou todos os meios a que podia recorrer para alcançar remedio para o mal apontado. As suas diligencias, porém, se não foram de todo infrutiferas, não tiveram o alcance desejado, e por isso resolveu tornar público o trabalho, que havia elaborado, e que reputou satisfazer ao fim alvejado, submetendo-o á critica imparcial, com o fim de alcançar assim a uniformidade desejada.

Não pode haver intuito mais patriotico e por isso é de esperar que os especialistas satisfaçam o desejo do autor, tanto mais que êle merece essa consideração pelo interesse que ainda dedica aos assuntos militares, não obstante ter deixado já o serviço activo.

- 6 **Comissão Técnica da Arma ae Infantaria — Relatorio dos trabalhos efectuados pela comissão, desde a sua organização em 25 de maio de 1911 até 31 de dezembro de 1913.** 1 opusc. de 24 pag. (0^m,26×0^m,18).—Lisboa, 1914.

E' interessante este relatorio, que merece ser conhecido de todos os officiaes da arma respectiva, e que revela a solicitude e intelligencia que a Comissão dispensou ao estudo das varias questões, que foram submetidas ao seu exame.

O trabalho referido é muito especialmente honroso para o presidente, que foi da dita comissão no periodo indicado, o sr. coronel Cristovão Adolfo Ribeiro da Fonseca, official que adquiriu solida reputação no exercicio das numerosas comissões, que exerceu durante o tempo que passou no serviço activo.

Seria para desejar que as comissões tecnicas das diferentes armas e serviços fizessem relatorios identicos aquele que temos presente, e do conjunto dos quais se mostraria o intenso trabalho a que, por certo, todas elas se dedicam, com lustre para os membros que as compõem e proveito das instituições militares.

M. S.

CRÓNICA MILITAR

Alemanha

Anuario de 1912. — Do estudo do Anuario de 1912 deduz-se: O capitão general mais antigo é tenente de 1867. A maior parte dos tenentes generais com comando têm idade inferior a 60 anos. O general de divisão mais moderno começou a sua carreira militar em 1876. As circunstancias são mais desfavoraveis para os generais de brigada, entre os quais se contam alguns que á eram tenentes em 1873.

Nos demais postos, o ano em que ascenderam a coroneis foi 1880 para os coroneis. Os capitães que estão no cimo da escala têm quasi todos mais de 43 anos.

Tiros de um dirigivel contra alvo aereo. — A *Gazette de Cologne* anuncia que o dirigivel Z. 5 acaba de efectuar, em Döberitz, uma serie de tiros contra um alvo aereo suspenso de um balão cativo.

O alvo — caixa de madeira de forma rectangular, de 10^m de comprimento e 5^m de largura — representava um biplano. Os tiros foram executados ás distancias de 1.500, 2.000 e 2.500 metros, com uma peça e uma metralhadora colocadas acima da barquinha anterior do dirigivel. Os resultados obtidos foram tão favoraveis que se póde concluir, no estado actual da aeronautica, que é possível, para os dirigiveis, dirigir os aeroplanos antes que estes os possam atingir.

Nova arma combatente. — O Imperador determinou que do 1.º de abril próximo passado em diante, os batalhões e as companhias do trem do exercito germanico terão respectivamente a designação de grupos e esquadões de trem, designando-se dessa data em diante, por soldados de trem a cavalo os de dois anos de serviço e por soldados de trem montados os de um ano e que, a fim de proporcionar-lhes o conhecimento reciproco das armas combatentes, todos os anos irão adidos officiais do trem a corpos de infantaria, cavalaria e ao batalhão de automobilistas e vice-versa officiais dessas armas para o trem.

Nas paradas haverá em cada viatura mais dois condutores de reservistas de clavina a tiracolo.

Assim, pois, é o trem tambem considerado hoje arma combatente, não só para sua defesa, como até agora, mas tambem para o ataque, quando necessario.

Austria-Ungria

Contingente fornecido para a Bosnia-Herzegovina. — Em 4 de abril de 1914 foi promulgada uma lei fixando o contingente anual para a Bosnia-Herzegovina.

Esta lei modifica a de 11 de agosto de 1912 sobre o recrutamento e prescreve que o contingente a fornecer será de :

8.016 homens para o ano de 1914.

8.411 » » » » » 1915.

8.748 » » » » » 1916.

8.844 » » » » » 1917.

8.906 » » » » » 1918 e seguintes.

Patrulhas de sinais opticos para as grandes unidades. — A administração militar propõe-se, á medida que o permitam as disposições orçamentais, dotar os corpos de exercito e as divisões com patrulhas montadas equipadas com aparelhos opticos sistema Zeiss.

Estas patrulhas farão parte de destacamentos telefonicos de corpos e de divisões.

Postos radio-telegraficos de campanha. — A imprensa militar anuncia que, em um futuro não distante, o número de postos radio-telegraficos de campanha deve ser consideravelmente aumentado.

Serão constituídos desde o tempo de paz para todos os comandos de exercito, de corpo de exercito e de divisões de cavalaria, e depois, mais tarde, para todas as divisões de infantaria.

Haverá 3 modelos : um, ligeiro, para a cavalaria ; um outro mais pesado (posto automovel) e finalmente, um muito ligeiro para a guerra de montanha.

O posto radio-electrico compõe-se duma viatura com armão contendo os aparelhos de emissão e de recepção, de uma viatura geradora de força e de uma outra levando o resto do material e a antena.

O poder do posto varia segundo o terreno e o estado da atmosfera entre 50 e 200 ql. ; a duração da instalação varia de 1 a 2 horas.

Belgica

Creação de uma escola de artilharia. — Por decreto de 12 de novembro de 1913, foi suprimida a Escola de artilharia e dissolvida a comissão de experiencias que funcionava perto desta Escola, e foi creado em Brasschaet uma nova Escola de artilharia, a qual tem por fim :

a) Completar praticamente a instrução profissional dos officiaes recentemente promovidos na artilharia, especialmente sob o ponto de vista do tiro, desenvolver e aperfeiçoar a sua instrução equestre, inicia-los nos detalhes do serviço interno e de administração de uma unidade, e de faze-los participar de todos os trabalhos da arma, de maneira que possam entrar nas baterias com uma instrução profissional completa, que os ponha em condições de prestar imediatamente todos os serviços exigiveis de um comandante de secção ou de pelotão ;

b) Perfazer no tiro a instrução pratica dos capitães e tenentes antigos, de

modo a lhes fazer adquirir uma grande habilidade na conduta dos tiros antes de lhes confiar o comando de uma bateria ;

c) Desenvolver a instrução equestre e a instrução profissional pratica de officiaes promovidos de novo no corpo de transporte.

d) Desenvolver a instrução profissional dos voluntarios de milicia e dos milicianos candidatos alferes de reserva de artilharia.

e) Formar candidatos alferes de artilharia de campanha, do corpo de transporte e de artilharia de posição de Anvers e de perfazer a instrução dos candidatos officiaes inferiores de artilharia de fortaleza das posições do Mosa ;

f) Formar ferradores para a artilharia e para o corpo de transporte ;

g) Prestar o seu concurso ou proceder a estudos e experiencias concernentes com especialidade ao tiro, munições e material de artilharia, trabalhos de artilharia de campanha e de posição. A escola de artilharia compreende um estado maior, uma secção de artilharia de campanha e uma secção de artilharia de posição.

A secção de artilharia de campanha é subdividida como segue :

1.^a divisão — tenentes antigos e capitães ;

2.^a divisão — alferes e tenentes recentemente promovidos na artilharia de campanha e no corpo de transporte ;

3.^a divisão — milicianos e voluntarios de milicia, candidatos officiaes de reserva de artilharia de campanha ;

4.^a divisão — candidatos 2.^{os} sargentos de artilharia de campanha e de corpo de transporte. Formada anualmente de duas series ;

5.^a divisão — alúnos ferradores.

Eventualmente, é organizada uma divisão especial para os candidatos ajudantes.

A secção de artilharia de posição é subdividida em cinco divisões, como segue :

1.^a divisão — antigos tenentes e 2.^{os} capitães ;

2.^a divisão — 2.^{os} tenentes e tenentes recentemente promovidos na artilharia de posição ;

3.^a divisão — milicianos e voluntarios de milicia, candidatos officiaes de reserva de artilharia de posição ;

4.^a divisão — candidatos 2.^{os} tenentes de A. F. S. ;

5.^a divisão — candidatos 2.^{os} sargentos de artilharia das posições do More. Eventualmente organiza-se uma divisão especial para os candidatos ajudantes.

Espanha

Aumento do efectivo. — Por ocasião da abertura das côrtes, a 25 de outubro último, o ministerio da guerra apresentou um projecto de lei fixando o contingente do exercito de 1.^a linha em 215.000 homens ; o de 2.^a linha em 90.000 ; e o de 3.^a linha em 60.000 e que com o contingente das tropas de Africa, das Baleares e das Canarias que atinge 80.000 homens dará para o exercito um total de 445.000 homens.

O exercito permanente compreenderá 139.000 homens, dos quais 81.000 para a metropole, 51.000 para a Africa, 4.100 para as Baleares e 2.000 para as Canarias.

A companhia compreenderá no minimo 100 homens, o esquadrão 110

homens. Os regimentos de artilharia serão a 3 grupos, numa proporção de 4 peças por 100 espingardas nas divisões permanentes.

França

Peça portatil para a defesa das costas.—Os franceses resuscitaram a antiga ideia de atender á defesa de costas com peças de calibre medio, montadas sobre plataformas moveis, dispostas para acudir aos lugares onde possa ser mais necessaria a sua presença.

A casa Schneider construiu para esse fim varios comboios couraçados armados com obuzes de 22^{cm}, montados sobre uma plataforma especial capaz de resistir aos efeitos do recúo. O comboio completo inclue uma carruagem para munições e um observatorio portatil, composto de uma torre d'aço que permite alcançar uma altura de 10^m sobre o solo.

A população da região de Marrocos submetida ao protectorado francês. — A povoação das diferentes regiões de Marrocos submetida ao protectorado francês, segundo os dados obtidos pelos serviços de informação, é a seguinte : Gharb (desde o limite da zona espanhola até ao Sebu), 66.500 habitantes ; região de Fez, 236.000 ; região de Mequiny, 221.920 ; região de Rabat, 170.550 ; região de Chania (compreendidos os Beni Meskina e Casabranca), 259.200 ; região dos Donk-kola, 250.000 ; região dos Abda e dos Alimor, 200.000 ; região do Hany, 594.060 ; região da esquerda do Mulaya, 108.500 ; região da direita do Mulaya, 197.170.

Total—2.296:100 habitantes.

Estas cifras não se podem tomar como exactas, mas como muito aproximadas ; nelas não estão compreendidas : a região de Tadla, as tribus da Gran Atlas, as do Suy e do Atlas médio, o sul e as regiões do Sahara.

Estatura dos soldados. — Há muitos anos a estatura dos soldados francezes mantinha-se a 1^m,692, mas nos últimos anos sofreu uma ligeira diminuição, não alcançando hoje senão 1^m,661, ao contrario do que succede na Russia e na Alemanha, em que há recrutas que excedem 2^m. O recruta de maior altura é natural do departamento de Vendeia e tem a estatura de 2^m,07 ; vem depois os de Isère com 2^m,03 de altura.

O número de homens cuja estatura excede 1^m,85 é apenas de 433.

O recruta de menor estatura pertence ao departamento de Woth, tendo apenas 1^m.

Em 1911 as alturas dos soldados francezes foram proximamente as seguintes em 270.000 homens : 433 com mais de 1^m,85 ; uns 5.000 de 1^m,79 a 1^m,85 ; 14.500 de 1^m,75 a 1^m,78 ; 50.000 de 1^m,70 a 1^m,74 ; 21.000 de 1^m,65 ; 67.000 de 1^m,66 a 1^m,69 ; 35.000 de 1^m,63 a 1^m,61 ; 29.000 de 1^m,61 a 1^m,62 ; 12.500 de 1^m,60 ; 9.500 de 1^m,53 ; 12.000 de 1^m,57 a 1^m,58 ; 9.600 de 1^m,54 a 1^m,56 ; 5.700 não chegaram a 1^m,54 e 410 tinham altura inferior a 1^m,46.

Canhão de cavalaria. — Será estreado nas grandes manobras dêste outono, armando todos os grupos de artilharia a cavalo. Experimentado em Bourges, ao sair da fabrica Creusot, e tendo merecido as melhores referencias é de crêr que faça bôa figura em relação ao anteriormente adoptado, do qual

se diferencia pelo menor peso. O seu sistema «semi-lançado» que consiste em pôr, antes da partida do tiro, a bôca de fogo em movimento para a frente, alternando assim o recuo, exige um freio menos poderoso e, portanto, menos pesado. O aparelho de pontaria em direcção é o do 75 actual organizado mais comodamente para a reparagem á rectaguarda. Os escudos protectores dos artilheiros têm 1^m2,40 de superficie. O armão contem apenas um pequeno número de projecteis, o seu peso é de 1.400 kg.

Esta diminuição na quantidade da munição necessaria á mobilidade exigida do novo canhão, obrigou a adoptar uma nova organização de bateria, a fim de se obter o mesmo número total de munições sem aumentar o número dos carros.

O escalão de combate comporta duas fracções, uma compreendendo os armões de 75 aligeirados, podendo seguir a bateria de tiro a galope e uma segunda parte composta de armões de um novo modelo, contendo um peso superior de projecteis e constituindo uma colúna menos ligeira cuja posição de campo de batalha é ocupada após a primeira fracção do escalão. Estes armões vão ser adoptados tambem para aumentar o rendimento dos parques de artilharia de corpo de exercito.

Inglaterra

Defesa de costas. — Em um concurso rializado recentemente pela revista *Royal Artillery Instution*, para premiar o melhor projecto sobre defesa das costas, os cinco trabalhos apresentados condenam o armamento atual das costas de Inglaterra. Todos afirmam que o canhão de 23^{cm}, o de maior calibre dos existentes, é completamente ineficaz contra os modernos couraçados, e propõem a substituição por outro de 30^{cm}, no minimo.

Aconselham tambem o estabelecimento de canhões especiais contra dirigiveis e o emprego de artefactos aereos ao serviço das baterias de costa, que podem denunciar com tempo a presença dos barcos inimigos.

Composição do exercito permanente. — Na infantaria, existem 157 batalhões. Cada batalhão tem uma secção de metralhadoras.

A cavalaria tem 31 regimentos a 3 esquadrões, com 700 homens.

Na artilharia, o numero de baterias ejeva-se a 28 de artilharia a cavalo, a 150 de artilharia montada e ã 6 de grosso calibre.

Cada divisão consta de 3 brigadas e teem um total de 20:000 homens.

Instrução militar na Australla. — O general inspector das milicias australianas ditou já as disposições por que se hão de reger as instruções do corrente ano.

Formar-se-á um total de 52 batalhões de infantaria, 23 de cavalaria e 21 baterias.

O numero dos officiais que tomarão parte nestes exercisios, calcula-se em 242 e o de praças em 2:245. No total contam as milicias australianas, com 1:839 officiais e 31:181 soldados.

Tipos de aeroplanos. — Os tipos existentes no exercito inglês, são : 1.º Aeroplanos ligeiros (*light scout*), com velocidades de 50 a 80 milhas; 2.º Ex

ploradores *a*, com velocidades de 45 a 75 milhas; 3.º Exploradores *b*, de 35 a 60 milhas; 4.º De combate *A*, de 45 a 65, para duas pessoas, armamento e munições. 5.º De combate *B*, de 45 a 75 milhas.

Tração mecânica em campanha. — Em vista da sua grande mobilidade, os onibus que circulam atualmente em Londres, serão de grande utilidade no caso da Inglaterra se vêr invadida em consequencia de um conflito europeu.

A suprema consideração de integridade nacional, obrigaría á concentração imediata de 50:000 homens pelo menos, antes que o inimigo terminasse em boas condições o seu desembarque. Atualmente, os caminhos de ferro só não poderiam satisfazer a esta necessidade; mas um serviço organizado de onibus-automoveis, poderia efectuar o transporte no mesmo tempo e os defensores encontrar-se em um sitio determinado no momento oportuno.

Circulam em Londres, com licença, 1:700 automoveis, aproximadamente, 600 dos quais são de tipo novo e estes estão dispostos em seguida para marchar, e tem movimento suave, sendo relativamente ligeiros.

Os que não fôrem deste modelo, tambem se pódem utilizar em caso de guerra.

A inspecção destes serviços, poderia facilmente organizar-se: o abastecimento de gazolina em transito, poderia facilmente fazer-se, mediante o emprego de carros e depósitos que, dotados de simples mecanismos, permitiriam que os onibus-automoveis fôssem abastecidos simultaneamente. Improvisar estes serviços em momentos de perigo, é um problema muito delicado.

Italia

Rêde radiotelegrafica colonial. — Na Libia funcionam as estações de Tripoli de 15 kw, de Benghasi (15 kw), de Derna (5 kw) e de Tobuk (5 kw).

Na Erythreia, a estação de grande força, de Massena é de 160 kw, a de força média de Assob é de 30 kw. Além disso, uma estação da mesma força funciona em Massena (ton. B) e estão em projecto estações para Asmara, Adi Ugri, Saganeiti.

Concurso de ciencias militares para oficiais. — Quatro concursos de ciencias militares são organizados este ano pelo Ministro da Guerra para os officiais de todas as armas e serviços; comportarão os seguintes premios para os assuntos indicados a seguir:

A — 1.º concurso — Três premios de 1.000 fr. Têmas: 1.º Os metodos dos generais que conquistaram as colonias; doutrina colonial moderna; 2.º Grandesa e decadencia da Turquia; 3.º Influencia das praças fortes nas grandes guerras e na historia dos seculos XIX e XX.

B — 2.º concurso — Três premios de 1.000 fr. — Assuntos. 1.º O Tyrol e o Trentino; 2.º O Grésivandan; 3.º Os Alpes desde o monte Viso até ao monte Branco.

C — 3.º concurso — Três premios de 1.000 fr. — Têmas: 1.º Preparação de infantaria e de artilharia de campanha, em ligação, para o combate; 2.º Operações de desembarque e valor da defesa movel; 3.º Emprego da cavalaria e do aeroplano.

D—4.º concurso—Um premio de 1.000 fr.—Assunto : Organização, reabastecimento e operações das tropas brancas e indígenas nas colonias.

Os concorrentes podem tomar parte em varios concursos e tratar em cada um deles um assunto á sua escolha ; todavia, o mesmo official não pode obter senão um unico premio.

Tropas de aviação.—Existem no exercito três organismos de aviação, constituídos pelo batalhão de especialistas, parque de experiencias e o batalhão de aviação.

O batalhão de especialistas compõe-se de 5 companhias, com um efectivo total de 40 officiais, 7 funcionarios, 25 profissionais e 894 praças.

Afectos a este batalhão estão a secção do parque, e de dirigiveis, fotografia e radiotelegrafia.

O parque de experiencias consta de 8 officiais e 4 funcionarios tecnicos.

Finalmente, o batalhão de aviação (44 officiais, 17 funcionarios tecnicos e 301 praças) tem 2 companhias e 1 secção tecnica.

Estações radiotelegraficas de grande alcance.—Podem-se considerar como tais as de Cautocelli, em Roma, e a de Cottano, em Pisa.

Esta última estação está em comunicação directa com Erithreia e Somalilândia, servindo, além disso, de ligação com a esquadra e com Tripoli.

Existem tambem em Italia varias estações pequenas com alcances que variam de 300 a 500 ql.

Noruega

Concurso de observações para officiais aviadores.—Foi aberto um curso de observação para officiais aviadores, cuja duração será de um mês. Nêle serão admitidos officiais com o posto de capitão ou de 1.º tenente. Esses officiais continuarão a fazer parte da sua arma de origem, mas serão destacados para o serviço de aviação em tempo de manobras e de mobilização.

Romania

Corpo de automobilistas voluntarios.—Este corpo, organizado recentemente consta de 5 categorias, a saber : 1.º serviço postal ; 2.º informações ; 3.º transporte de tropas ; 4.º condução e reparação de carros ; 5.º transporte de material.

As duas primeiras categorias correspondem ás secções de motocyclistas.

Aviação militar.—Os resultados da liga aeronautica, fundada para adquirir aeroplanos com destino ao exercito, não podem ser mais lisongeiros.

O aerodromo estabelecido em Bancas dispõe já de dois biplanos, três monoplanos Blériot, um aparelho Bristol e um biplano de construção recomendada.

Nas últimas manobras tomaram parte quasi todos os aeroplanos, dos quais sómente dois sofreram insignificantes avarias.

Russia

Creação de uma escola tecnica de artilharia.—As escolas tecnica e pirotecnica existentes acabam de se fundir sob o nome de escola tecnica de artilharia.

O estabelecimento contará 150 alúnos distribuidos por 4 anos de estudos e grupados em 1 companhia.

A sua admissão terá lugar por meio de concurso entre mancebos de todas as condições, de 16 a 19 anos de idade, que se alistem com a condição de permanecerem no exercito durante 4 anos após a sua saída do estabelecimento.

As despesas durante o periodo escolar, são á custa do Estado, e o tempo, passado na escola, é considerado como serviço militar activo.

Os dois primeiros anos de estudos são comuns a todos os alúnos; a partir do 3.^o ano os aspirantes tecnicos, artifices e electricistas são divididos por secções especiais.

O periodo de 1 de novembro a 15 de maio é destinado aos cursos teóricos que terminam por um exame de passagem na classe seguinte. De 15 de maio até á epoca das ferias, os alúnos entregam-se aos trabalhos praticos, quer na escola e laboratorio anexo, quer nos estabelecimentos de artilharia.

O programa scientifico comporta as linguas russa e alemã, a algebra, geometria, trigonometria, mecanica, geometria analitica, fisica, quimica, geografia, cosmografia, historia, direito e higiene. Todos os alúnos aprendem além disso desenho, administração militar, fortificação e artilharia.

A aprendizagem tecnica compreende, para todos, os officios de serralheiro, marceneiro, torneiro e ferreiro.

Os candidatos tecnicos são iniciados especialmente no conhecimento detalhado do material de artilharia de tiro rapido e na telefonia: os aspirantes electricistas nas applicações de electricidade a artilharia e aos motores utilizados nas fortalezas; os artifices no fabrico das polvoras, explosivos e munições.

A escola, dirigida por um general de brigada ou de divisão, compreende um quadro permanente de officiais e de funcionarios civis de artilharia.

Suissa

Grandes manobras.—Vão este ano ter lugar as primeiras grandes manobras desde que foi decretada a organização em corpos de exercito.

De 31 de agosto a 12 de setembro serão agrupadas para esse fim as 3.^a e 4.^a divisões, cada uma com 3 brigadas, levando anexas uma brigada de artilharia e os correspondentes serviços auxiliares.

As 1.^a e 2.^a divisões efectuarão manobras de brigada na primavera e no outôno, respectivamente as 5.^a e 6.^a divisões, dedicando-se as brigadas de montanha destas divisões a exercicios especiais de regimento nas zonas mais elevadas do territorio suiso.

Circulação de aeronaves.—O conselho federal publicou uma circular relativa á circulação de aeronaves, concebida nos seguintes termos:

Se o condutor da aeronave, aterrar na Suissa, os passageiros, ou uma parte deles, que sejam militares e estejam fardados, as auctoridades policiaes informarão em telegrama o Departamento militar.

A auctoridade militar elaborará um relatório indicando o estado civil dos militares estrangeiros, o lugar de procedencia da aeronave, e as razões porque atravessaram a fronteira. Este relatório será enviado ao Departamento militar.

II

PARTE MARITIMA

Alemanha

Os couraçados *König*, *Grosser-Kürfürt*, *Markgraph* e o couraçado rápido *Derflinger*, lançado á agua em 1913, devem entrar em serviço em setembro proximo, devendo já tomar parte nas manobras de outono. O *Gaeben*, diz-se, que será chamado do Mediterraneo, para se unir á frota a qual contará com 16 dreadnoughts e 5 couraçados rapidos.

A terceira esquadra, completada com os 3 couraçados acima indicados e os 5 *Kaiser*, será uma das mais homogeneas, porque todos os navios tem por armamento peças de 30,5.

O ultimo dos *König*, o *Kronprinz* que foi lançado á agua em 20 de fevereiro, deve estar concluido em a primavera de 1915.

O cruzador-esclarecedor *Rostock*, obteve a velocidade média de 29,21 nos melhores percursos. A média no ensaio de 6 horas, foi de 27,4. O seu irmão *Karlsruhe*, deu 27,6 nas mesmas condições.

Austria-Ungria

O armamento principal dos 4 novos couraçados, é constituído por 10 peças de 356^{cm} e 45 calibres, em 4 torres, sendo duas triplices e as duas extremas duplices. Tem 4 tubos lança-torpedos submarinos de 533^{mm} dispostos, um á prôa, um á pôpa e um em cada bórdo no centro.

O couraçamento terá maior espessura do que nos navios da classe *Tegethoff*, de que o maximo da grossura é de 280^{mm}. As caldeiras são *Jarrow* para um e *Babcock-Wilcox* para as outras, para carvão e petroleo. O aparelho motôr será constituído de turbinas *Parsons* para um e *A. E. G.* para os outros.

As turbo-dinamos terão uma potencia de 1:800 kw. Os ventiladores elétricos serão a 110 volts de corrente alternada; a transmissão elétrica para guinchos, monta-cargas, etc., será a corrente contínua á tensão de 220 volts, os circuitos da iluminação serão de corrente contínua a 110 volts. Os projétores serão de 110^{cm}. Estes navios tem fórnos elétricos capazes de dar 700^{kg} de pão em 10 horas.

Estes couraçados são munidos de bussolas giroscopicas.

O deslocamento provável, é de 24:500 toneladas.

Estados-Unidos

A mobilisação da esquadra do Atlantico para agir contra o Mexico, mostrou que o grau de preparação para a guerra, é insufficiente. A imprensa especial dos Estados-Unidos tem feito notar o mal, assim como as causas e espalhado que elas não devem ser imputadas ao ministerio da marinha, mas sim ao Congresso que não procedeu em harmonia com as indicações fornecidas pelo ministerio.

Reuniu-se para estudar a questão, um conselho superior de defesa nacional, presidido pelo chefe do Estado e compreendendo os ministros da Guerra, Marinha, Finanças e Estrangeiros, com o concurso de algumas notabilidades do exercito, marinha e do Parlamento.

Os contra-torpedeiros *Sylwin*, *Parker* e *Benham*, fazendo parte do grupo de 8 unidades similares, cuja construção foi autorizada pelo Congresso em 4 de março de 1911, entram em serviço no atual trimestre. O seu deslocamento é de 1:010 toneladas, comprimento 91^m,44 á flutuação e 93^m,02 total, bôca 9^m,24, calado d'agua 2^m,80. Turbinas Cramp-Zoelly para 17 milhas de velocidade, além de maquinas albertativas; estes navios deram o *Silwin* 25,696 milhas com 16:350 cavalos; o *Benham* 29,584 com 16:850 e o *Parker* 29,547 com 16:500 cavalos. Teem 4 chaminés, 2 passereles com servo-motores, das quais uma é a ré.

Tem 4 caldeiras do sistema White-Forster. O armamento compreende 4 peças de 102^{mm} e 4 tubos lança-torpedos de 45^{cm}. As peças são dispostas em losango, uma no castelo, outra á pôpa e as outras 2 uma de cada bordo, e de fôrma que podem sempre 3 delas atacar o inimigo, seja em que direcção appareça.

França

Segundo consta, os novos exploradores desta nação, terão as seguintes características: deslocamento 4:500 toneladas, comprimento 138 metros, bôca 13^m,80, calado 4^m,80, velocidade 30 milhas, força das maquinas 44:000 cavalos; armamento 8 peças de 140^{mm} e 4 tubos de torpedos de 450^{mm}. As maquinas serão turbinas sobre quatro eixos e as caldeiras em numero de 12, de pequenos tubos e para combustivel liquido.

O couraçamento dos flancos será de 50^{mm} de espessura em 90 metros de comprimento, com travézes de igual espessura. As pontes couraçadas serão de 20^{mm}, a torre de comando de 60^{mm}. Terão mais duas peças á prôa, duas á pôpa e duas a cada bordo.

Terá 4 projétores, dispostos em dois grupos, á prôa e á pôpa.

Os novos submersiveis Colomb, terão o deslocamento de $\frac{350}{490}$ toneladas, a velocidade de $\frac{12}{8}$ milhas e o armamento de 6 tubos para torpedos. Fizeram em 73 horas o percurso Toulon, Marselha e Mentone.

Grecia

O Congresso dos Estados-Unidos, autorisou a venda á Grecia, dos couraçados *Idaho* e *Mississipi*, que serão entregues em curto prazo e receberão os nomes de *Vassiliefs-Georgios* e *Vassilissa-Olga*.

O deslocamento destes navios é de 10:000 toneladas. O seu armamento é de 4 peças de 305^{mm} e 45 calibres em torres oxiais, 8 de 203^{mm} em 4 torres nos flancos, 8 de 178^{mm} na cidadela, 12 de 127^{mm} nas superstruturas e 2 tubos lança-torpedos de 533^{mm}. A grossura do couraçamento é de 229^{mm} na flutuação, 305^{mm} nas torres principais, 165^{mm} nas torres das peças de 203^{mm}, 152^{mm} nos flancos acima da batería principal, 178^{mm} na bateria das peças de

178mm, 76mm e 38mm no convez e 220mm no blockauss. A equipagem e de 800 homens.

Inglaterra

Couraçado «Marlborough».—Este navio da classe «Iron-Duke», desloca 28.000 toneladas com o comprimento de 189m, bôca 27m,30 e 8m,40 de calado dagua.

Tem 10 peças de 34cm do melhor modelo, e a artilharia média compõe-se de peças de 15cm e não de 10cm e possui também peças de 76mm que lançam projecteis explosivos de 5k,700 á altura de 6.400 metros.

Os tiros dos contratorpedeiros e torpedeiros em 1913 (177 destroyers e 26 torpedeiros) deram a média de 1933 tiros no alvo sobre 4.033 tiros disparados, isto é, 47,3 por cento.

A casa Vickers tem em construção um novo submarino chamado *Nautilus*, de 1500 toneladas de deslocamento, com 5 ou 6 tubos para torpedos e peças de 76mm para atirar contra os dirigiveis.

Japão

O couraçado *Fuso* de 30.000 toneladas de deslocamento, construido em Kure, tem 12 peças de 14 polegadas e 16 de 6 polegadas, com a velocidade de 22 milhas. As suas peças grandes estão dispostas em parelhas em 6 torres, todas na linha média do navio e a níveis diferentes. O *Fuso* caiu na água com todas as suas máquinas e artilharia e deve estar completamente pronto em julho de 1915.

Um outro navio do mesmo tipo foi começado em fevereiro em Kobe e deve estar concluido em 1916.

Os dois destroyers concluidos em Inglaterra, têm as seguintes características: deslocamento 955 toneladas, velocidade 35 milhas, armamento 2 peças de 4 polegadas e 5 de 12 pounders e três tubos para torpedos.

Russia

O cruzador *Muraieff Amurski*, de 4.500 toneladas, construido em Schichan Works, Dantzig tem as seguintes características: comprimento 426,5 pés, bôca 46 pés, calado dagua 17 $\frac{1}{4}$. Armamento 8 peças de 5 polegadas e 4 mais pequenas e 2 tubos submersos para torpedos.

Tem a força de 27.400 cavalos e 28 milhas de velocidade.

BIBLIOGRAFIA

PERIODICOS

Portugal

- 1 *Anais do Club Militar Naval*, n.º 4 e 5 de abril e maio de 1914. Duas palavras sobre o porto de Macau. Sobre turbinas de vapor maritimas. Extrato do Relatorio da Comissão de Estudos da Marinha Brasileira. Estrategia do tempo de guerra. Redutores de velocidade para turbinas. Marinhas militares.
- 2 *O Instituto*, n.º 4 de abril de 1914. O «Fausto» de Goethe. Sobre a curvatura e tensão das curvas traçadas sobre uma superficie de revolução e sua applicação ás geodésicas da pseudo-esfera. Memorias de Carnide. A crónica da cidade de Ponta Delgada e o seu cronista fugindo ao Lethes. Inventores portugueses, segunda série. Memorias arqueológico-historicas do distrito de Bragança.
- 3 *Revista de artilharia*, n.º 119 de maio de 1914. Estudos de balística interna. Idéas recentes sobre estrutura descontinua da materia e de energia. Para a instrução dos nossos esclarecedores de campanha. O tiro curvo da artilharia naval. A instrução das unidades de artilharia da defeza terrestre de Lisboa.
- 4 *Revista de medicina veterinaria*, n.º 147 de maio de 1914. O tratamento da febre carbunculosa, pelo acido fénico. Os hospitais veterinarios em campanha. O problema zootecnico na circumsiação do sul. Raul Batista de Carvalho.

Alemanha

- 1 *Artilleristische Monatshefte*, n.º 89 de maio de 1914. Tabellen für die ballistischen Funktisen. Die Schiebvorschrift für die Feldartillerie von 11. Januar 1914 Die Verwendung der Artillerie von der Zeit Friedrichs des Grahen bis zum Deutsch-Osterreichischen Kriege. Wie sollen die Feldbatterien sebrichen? Darf die Rustungsindustrie verstaatlicht werden? Leden im Richten oder feste Ladestellung bei grobkalibrigen Schiffsgeschutzen? Ein Besuch der Schlachtfelder von Weibenburg und Worth nach 24 Jahrer.

Argentina

- 1 *Revista militar*, n.º 256 de maio de 1914. Las maniobras en Entre Rios. — Breves apreciaciones. La instrucción de oficiales en los cuerpos de artilleria — Cuestiones de tiro. Las grandes maniobras de otoño. Operaciones nocturnas. Concurso de los aeroplanos en la observación del tiro de ariilleria. Las maniobras militares — Reflexiones que sujeren.

Austria

- 1 *Die Flagge*, n.º 5 de maio de 1914. Eingabe des österreichischen Flottenvereins an den Ministerrat. Huser Thronfolger auf der Eskader. Der Besuch Kaiser Wilhelm II. beim Erzberzog Franz Ferdinand in Miramar. Zur Levantereise unserer Eskader. Wilhelm von Tegetthoff. Unsere Kriegsmarine im Feldzug 1864. Der Leekrieg 1864. Die österreichische Südpolarexpedition. Die russischen Rüstungen. Mexiko, die Vereinigten Staeten und Japan. Das englische Marinebudget. Denkschrift des Grafen Polavicini au Kaiser Josef II. über die dringende Notwendigkeit der Schaffung einer aktionsfabrigen Donanflottille, vom 25. Februar 1766. Über die Heranbildung der Seeoffiziere unserer. Han-

delsmarine. Die Reise des Fürsten Wilhelm von Wied nach Albanien. Warum gebt der österreichische Flottersverein hener auch noch dem Auslande? Die organisation der deutschen Flott Einige Daten über die deutsche Handelsmarine. Der Kaiser Wilhelm-Kanal. Deutsche Seestädte. Vortregsmatinee des Osterreichischen Flottenvereins. Aviso für Adriareisen. Stimmen unserer Landslente im Auslande. Osterreichs Zukunft und seine Flotte. Die sehenotisch-statistische. Übersichts-tabelle der k. u. k. Kriegsmarine. Erwidernng. Rundschan in der Kriegsmarinen.

Belgica

- 1 *Bulletin de la Presse et de la Bibliographie militaires*, n.º 720 a 721 de 15 e 31 de maio de 1914. Considérations générales sur l'emploi de l'infanterie et de l'artillerie dans la guerre des Balkans. L'armée hollandaise réorganisée. Las manœuvres impériales allemandes en 1913.
- 2 *Revue de l'armée belge*, n.º de março e abril de 1914. Tactique de l'infanterie. Résolution pratique des problèmes de tir marqué de l'artillerie de campagne. La guerre des Balkans de 1912-1913. De l'effort maximum au point décisif et de son corollaire: l'économie des forces. La légion belge de Londres et les tirailleurs de la Meuse du major Le Charlier. Vérification des dimensions des constructions en béton armé dans les bâtiments militaires de France.

Brazil

- 1 *Revista marítima brasileira*, n.º 11 de maio de 1914. 24 de maio. Introdução ao relatório do sr. Ministro da Marinha. Relatório da comissão de estudos sobre a organização das marinhas europeias. Relatório da viagem do couraçado «Minas Geraes» aos Estados Unidos da América do Norte. Os perigos das ondas hertzianas. O destroyer.

Chile

- 1 *Memorial del Estado mayor del ejército de Chile*, n.º de 1 de maio de 1914. Nuestras futuras baterías de montaña de 7,5 em L/11. Patrullas de caballería en la guerra del Pacífico. El caballo fueguino. Aplicación de la fotografía a los estudios militares. Opiniones acerca del arrastre de la artillería de campaña. Opiniones alemanas sobre la guerra moderna. Informaciones sobre la guerra Turco-balkanica. Las transformaciones de la guerra. Estudio sobre el servicio de la caballería en campaña. La revista de compañía en el R. T. 48 (Alemania). La comisión internacional encargada de la unificación de los métodos relativos al exámen de estabilidad de las materias explosivas. Organización de la aeronáutica militar.

Colombia

- 1 *Memorial del estado mayor del ejército*, n.º 22 de abril de 1914. Heraldica militar. El ejercicio del comando. La estrategia de ayer y la hoy. Ejercicios de Regimiento y de brigada de infantería. Servicios de campaña. El Código Militar colombiano. Tres lecciones de topografía. Los grandes calibres. Los perros en la guerra. El ejército.

Espanha

- 1 *Boletín de intendencia e intervención militares*, n.º 30 de maio de 1914. Revista de inspección á la Academia de Intendencia militar. El pan de semilla de algodón. La fabricación de levadura de grenos en España. Carro catalán de dimensiones reducidas. Los registros de legis-

- lación económica llevadas en las contadurías militares, durante el siglo XVIII. Nueva manera de limpiar los motores de automóviles. Empleo de la carne congelada y de la carne de caballo en tiempo de guerra. Alimentación del ganado del ejército. Analisis de substancias alimenticias.
- 2 *Estudios militares*, n.º 5 de maio de 1914. Memoria, hecha sobre la base de apuntes tomados durante el curso de 1911 en la Escuela de Tiro de infantería D. Felipe Francisco de Melun, Marqués de Risbourg, capitán General do Ejército. La guerra en los Balkanes (1912-1913): Crónica politico militar. Bosquejos sociales: Los artistas. Las grandes maniobras francesas en 1912. Ensayo acerca de la guerra de guerrillas. Reglamento de tiro de ametralladoras en el ejército austro-hungaro.
 - 3 *Memorial de artillería*, n.º de maio de 1914. Resumen de los trabajos realizados por el 4.º Negociado de la Sección de Artillería del Ministerio de la Guerra. La artillería en manos de Napoleon I.
 - 4 *Memorial de infantería*, n.º 29 de maio de 1914. Resultado del 2.º concurso del «Memorial». Sofismas matematicos. Los enlaces en el campo de batalla. Tendencias alemanas. Principios de la táctica razonada de las marchas y operaciones de noche. Nacimiento y juventude del Gran Capitan. La nueva tabla de tiro del fusil Mauser con bala P. Pistolas automaticas. Teoria de los agrupamientos obtenidos con fusil en tiro razante. Variedades.
 - 5 *Memorial de ingenieros del ejército*, n.º 5 de maio de 1914. El real automóvil Club de España y el Centro electrotécnico y de comunicaciones. De la actual campaña — Estación óptica a caballo. Las inundaciones del Valle del Bartán en 1913 y la Campaña del 1.º Regimiento de Zapadores minadores. Regla de calculo para radiotelegrafia.
 - 6 *Revista científico-militar*, n.ºs 9 e 10 de 10 e 25 de maio de 1914. El uniforme de campaña. Los adelantos da Alemania en la aviación. Nuevas modificaciones en los aeroplanos. Importancia actual de la artillería. El empleo de la pala por la infantería. Enseñanzas tacticas de la guerra balkanica. El teléfono sem hilos. Los generales inspectores de reservas en Francia. El rejuvenescimiento de las escalas. Quantos dias evitarían la concentración de los ejércitos alemanes? El cultivo de la historia militar. Desembarcos de tropas. La marcha de señeladores del ejército inglés. Precauciones que han de observar las tropas cuando tome tierra un aeroplano.
 - 7 *Revista de caballería*, n.º de maio de 1914. Marcha militar de velocidad efectuada por el 6.º escuadron del regimiento de Cazadores de Taxdirt desde Zaio á Melilla. El mando y la nueva doctrina. Política militar en Marruecos. Tercer deposito de caballos remontaes. La retirada da Russia.
 - 8 *Revista internacional militar*, n.º de maio de 1914. La artillería de campaña y la artillería pesada en la campaña russo-japoneza y la influencia de las experiencias de la guerra en el empleo de nuestra artillería actualmente. El combate en los aires. El transporte de las metraladoras. Comentarios
 - 9 *Revista técnica de infantaria y caballería*, n.ºs 9 e 10 de 1 e 15 de maio de 1914. La oficialidad combatiente en los ejércitos extranjeros. Estudio historico sobre la evolución de la táctica hasta la aparición de de la pala de Infantaria. La obra militar de la Revolución francesa. Manual de telegrafia militar. Estudios sobre caballería.

Estados Unidos

- 1 *Journal of the United States Artillery*, n.º 127 de maio-junho de 1914. A. war condition period and how of can best be utilized. Seecoast gun carriages. The new cooke-pollen rance-finder. Comparison of simulated contact and observation firing for mine practice. Conver-

sion table, minutes and seconds of arc to thousandths of a degree, and vice versa. Plastic paper pulp for land features of the war game. Coast defense, in the civil war operations in mobile bay.

França

- 1 *La revue d'infanterie*, n.º 329 de maio de 1914. Le fantassin à l'instruction. Le fantassin en campagne dans les principales armées — Autriche-Hongrie. Education intellectuelle et morale du chef de section.
- 2 *L'Opinion militaire*, n.ºs 84 e 85 10 e 25 de maio de 1914. Les militaires et las élections. Le problème des réserves. La question du fusil. Le soldat allemand d'origine bourgeoise. Variations sur le képi rigide. La politique étrangère. Notes de la quinzaine. Les militaires et les élections. L'inspection des réserves. La répartition des forces dans la campagne de Belgique en 1815. A propos de bottes. La défense nationale et d'organisation des réserves.
- 3 *Le spectateur militaire*, n.ºs de 1 e 15 de maio de 1914. Un fourrier de Napoléon vers l'Inde. La mission militaire française au Pérou. Infanterie et artillerie. Artillerie de campagne anglaise. Les troupes noires. Les rapports du haut commandement et du pouvoir civil dans une démocratie. Le soldat d'Afrique.
- 4 *Revue d'artillerie*, n.º de maio de 1914. Un programme d'écoles à feu. De l'éducation physique dans les troupes d'artillerie. Tir concentrique dans les batteries de côte — Appareillage de Chèrière. Idées d'avenir dans l'artillerie d'autrefois.
- 5 *Revue de cavallerie*, n.º de abril de 1914. Corps de cavallerie au feu et sous le fer. Comment se perd une bataille. — La cavallerie à Rezonville le 16 août 1870. Les cavaliers dans la cavallerie.
- 6 *Revue d'études militaires*, n.º de maio de 1914. Les masses des corps de troupe. Section de remisme. Section de Préparation au service géographique. Section des candidats à l'Ecole de guerre. Cycle préparatoire.
- 7 *Revue du génie militaire*, n.º de maio de 1914. Siège d'Andrinople. Détermination géométrique des éléments des fourneaux de mine pour la destruction des ouvrages d'art des voies de communication. Fortifications, etc. Construction, etc. Communications, etc.
- 8 *Revue d'histoire*, n.º 161 de maio de 1914. Une opinion allemande sur l'attaque centrale. L'armée du Roi (1674). La campagne de 1807. La guerre de 1870-1871.
- 9 *Revue militaire des armées étrangères*, n.º 1:038 de maio de 1914. L'armée belge au début de 1914. Aperçus sur les guerres balkaniques 1912-1913.
- 10 *Revue du service de l'Intendance militaire*, n.º 239 de maio de 1914. Du rôle du sous-intendant comme jurisconsulte et des pouvoirs qu'il tient de la loi pour assurer la protection des droits civils aux armées. Note sur un exercice d'ensemble de ravitaillement.

Italia

- 1 *Rivista di artiglieria e genio*, n.º de abril de 1914. A proposito degli «Insegnamenti delle guerre balcanica sull'impiego tecnico e tattico dell'artiglieria». Sempre sull'errore di preparazione nel tiro de costa. Ponte in cemento armato sul Tanaro, presso Farigliano. Miscellanea.
- 2 *Rivista di cavalleria*, n.º de maio de 1914. Da un Meu all'Altro. I Campionati del cavallo d'arme di Parigi e Roma. Due dottrine di guerra in contrasto. Gerona (1808-1809). Fazioni di Cavalleria nel Pinezolese.

Revista Militar

Junho de 1914

Conflagração Europea

UMA RESOLUÇÃO NOS EXERCITOS

As responsabilidades que pesam sobre um jornal da natureza da nossa Revista não nos permitem, no momento presente, occuparmo-nos d'este momentoso assunto. Em face de noticias tão contraditorias e pouco precisas, a direcção prefere, pois, aguardar que a situação se esclareça para então, devidamente, versar tal questão.